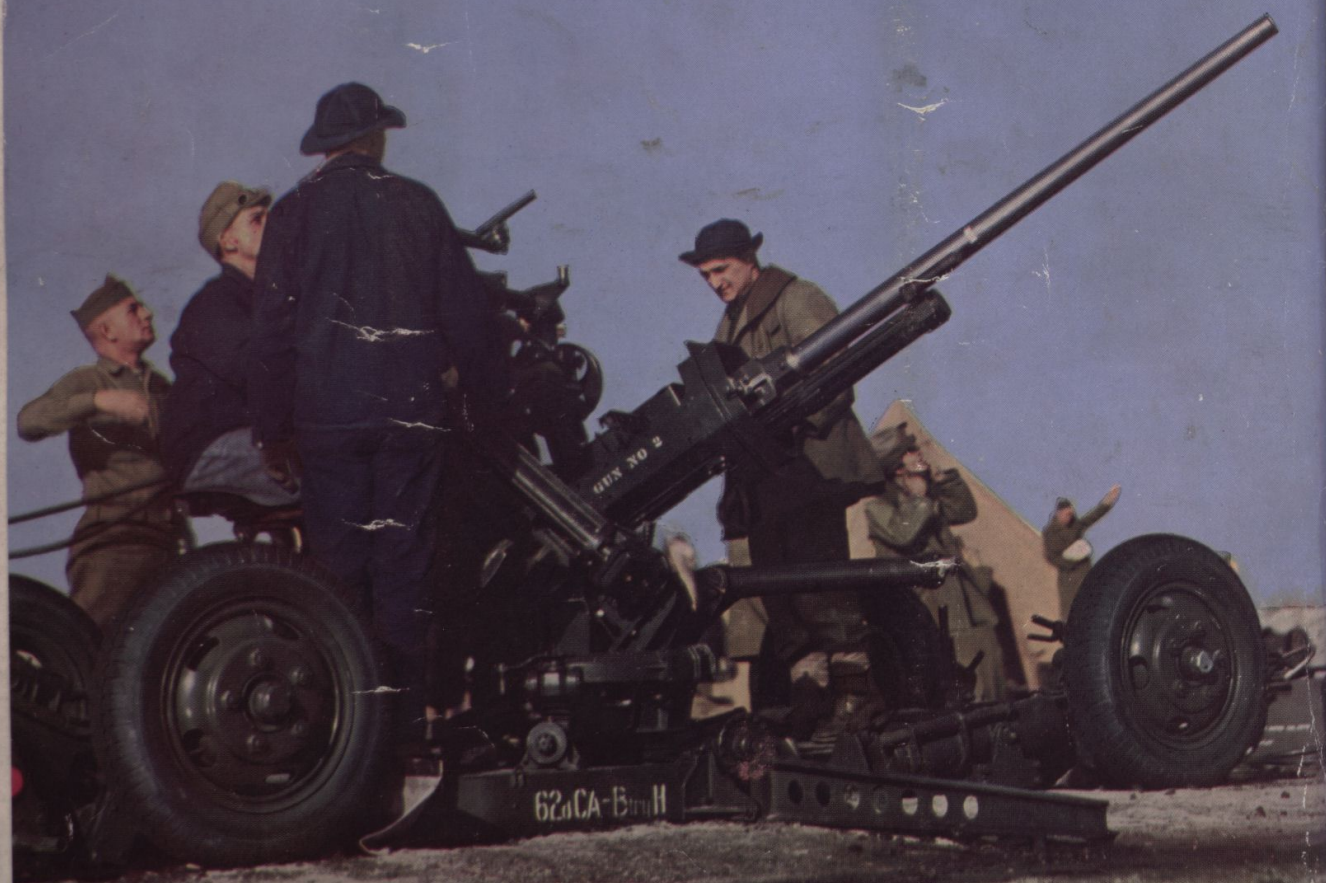


O novo canhão anti-aéreo de 37mm. de fogo rápido tem por objetivo abater aviões que se acham a pouca altitude. E' capaz de 120 disparos por minuto e cobre a área máxima de eficiência dos aviões de bombardeio em picada.



# EM GUARDA

Para a defesa das Américas



ANO 1. N. 9



# Asas

## SÔBRE O MUNDO



O PODER das forças aéreas dos Estados Unidos, arma vital nesta tremenda guerra, já entrou em sua ação decisiva em tôdas as frentes de batalha do mundo. A história desse poder não é mais a simples referência a enormes potencialidades de produção, ou a contínuas e crescentes entregas de aviões militares às nações que ora reagem contra a agressão. O bombardeamento de Tóquio, Kobe e Yokoama, as Fortalezas Voadoras e os velozes aviões North American B-25, que de suas bases na Austrália têm atacado vigorosamente forças japonesas nas Filipinas — tudo isto é impressionante demonstração da capacidade ofensiva dos aviões americanos e de suas adestradas tripulações de homens aguerridos e que dispõem de uma poderosa arma que esta nação foi a primeira a proporcionar ao mundo.

A audaciosa incursão levada a efeito por bombardeiros americanos, com base na Austrália, atravessando mais de dois mil quilômetros sobre zonas marítimas infestadas pelo inimigo, a fim de atacar bases secretas inimigas situadas nas sete mil e tantas ilhas que compõem o arquipélago das Filipinas, foi para os japoneses pavorosa certeza do que é realmente capaz o poder ofensivo aéreo dos Estados Unidos. Durante três dias seguidos, as forças atacantes, admiravelmente organizadas, castigaram o inimigo, surpreendendo-o em seu sonho de superioridade. A missão foi executada com a perda de apenas uma Fortaleza Voadora (atingida enquanto se achava em concertos, em terra), e os bombardeiros retiraram-se, regressando à Austrália, depois de assinalados feitos.

Afundaram pelo menos quatro transportes japoneses, havendo atingido quatro outros. Salvaram 34 refugiados de Bataan, inclusive o famoso aviador filipino, capitão Jesus Villamor. Em Davao, na ilha de Mindanao, onde o inimigo havia estabelecido uma base, os bombardeiros incendiaram docas, depósitos de gasolina e armazens. Na ilha de Cebu, desbaratarem concentrações de tropas, a metralhadora e bombas de fragmentação. Abateram ainda pelo menos quatro aviões, arruinaram outros e lançaram cerca de 120 toneladas de bombas. Uma Fortaleza Voadora penetrou na área de Manilha, bombardeou o aeródromo Nichols, em poder dos japoneses, deixando a antiga base americana sujeita a tal devastação pelas chamas, que estas podiam ser vistas a 75 milhas de distância, o suficiente para animar as heróicas tropas do general Jonathan Wainwright, que então guarneciam a fortaleza sitiada de Corregidor.

Quatro dias depois, outra esquadrilha atacante levava o terror da guerra aérea ao coração do império do Sol Nascente. Em pleno dia, surgiram os bombardeiros das bandas do mar e, pela primeira vez, em 2.602 anos, cidades do Japão tornaram-se objetivos de ataque militar por forças estrangeiras. Em assalto de meia hora, à tarde, os bombardeiros lançaram sobre Tóquio bombas de alto poder explosivo e incendiárias, o mesmo fazendo sobre o movimentado porto de Yokoama. Duas horas depois, os assaltantes iam atacar as fábricas de aviões Mitsubishi e Aichi, em Nagoya, e os estaleiros e fundições de Kobe, deixando aterrorizados os "lords" da guerra, sem saber como explicar semelhante realidade.

A base de onde decolaram os aviões assaltantes continua a ser um mistério para os japoneses, conquanto houvesse um comunicado procedente de Washington, feito um mês depois do bombardeio, declarado que o comandante da esquadrilha fora o general de brigada James H. Doolittle, famoso aviador do exército dos Estados Unidos, e especificando que os aviões eram bombardeiros médios do tipo B-25. O general Doolittle, pelo seu valoroso feito, foi condecorado pessoalmente pelo Presidente Roosevelt, com a Medalha de Honra do Congresso, e os 79 pilotos que faziam parte da esquadrilha receberam a Cruz de Relevantes Serviços. Após três semanas, em águas agitadas do Pacífico, na zona que os japoneses também consideram dentro de sua "esfera", ao largo dos arrecifes da costa do nordeste da Austrália, tropas aéreas e da marinha



de guerra do Japão e das Nações Unidas empenharam-se em tremendo encontro, que encerrou conclusões decisivas para o curso futuro da guerra no Extremo-Oriente. E ao voltarem os derrotados remanescentes da esquadra invasora nipônica, rechaçada às portas da Austrália e agora mal podendo seguir em busca de abrigo em bases insulares, procurando escapar à fúria de um ataque esmagador por parte de forças norte-americanas, verificou-se que a batalha do mar de Coral havia sido um dos encontros aéreos mais colossais de todos os tempos.

Quando se interrompeu finalmente a batalha de seis dias, os japoneses haviam perdido 13 navios de guerra — 14, contando-se com um navio porta-aviões avariado tão seriamente, que o seu afundamento foi considerado como certo — e cinco outros também deixados em estado lastimável. Além de ter de enfrentar unidades de poder ofensivo superior, os japoneses cometeram o danoso erro de estratégia, aventurando-se a uma aproximação demasiada da poderosa concentração de poder aéreo estabelecida pelas Nações Unidas no setor australiano.

Aviões de observação de longo alcance haviam mantido o quartel-general do general MacArthur informado do movimento japonês em direção ao

sul. Arrebatando a iniciativa ao inimigo, forças de mar e do ar atacaram com tremenda superioridade enquanto a ocasião era propícia, interceptando assim os japoneses a oeste das ilhas de Salomão. Foi nesta fase da ação que os bombardeiros de mergulho dos Estados Unidos arremessaram-se contra um navio porta-aviões inimigo, acertando diretamente sobre sua cobertura, fazendo-o emborcar e afundar como uma pedra. Aviões torpedeiros da marinha e bombardeiros pesados com base terrestre, também tomaram parte decisiva em desbaratar a infeliz tentativa de invasão. Comunicados procedentes das Nações Unidas adiantam que pelo menos 500 aviões tomaram parte no formidável encontro.

Para as Nações Unidas, que continuam a acumular suas forças para decisivos contra-ataques, estas atividades aéreas foram provas de que os produtos das indormidas fábricas dos Estados Unidos estavam fazendo sentir o seu efeito na frente de batalha. Os ataques confirmaram a crescente convicção nos centros dirigentes das Nações Unidas quanto à aproximação do momento em que se iniciará a inevitável ofensiva em todas as frentes. Apoiando o poder revelado em tais assaltos e na crescente devastação causada pelas incursões ingle-

sas contra a Alemanha, acha-se a surpreendente rapidez verificada na produção de aviões nos Estados Unidos. As respectivas cifras exatas constituem, naturalmente, segredo militar; mas sabe-se que nos primeiros meses deste ano, a produção era de mais de 3.000 aparelhos, quantidade que estava a aumentar rapidamente. As enormes fábricas de aviões de bombardeio no centro-oeste já começaram a incluir na crescente armada aérea, suas fabulosas côtas de bombardeiros quadrimotores, e agora as "impossíveis" quantidades estabelecidas pelo Presidente Roosevelt, em Janeiro, encontram-se perfeitamente ao alcance da poderosa indústria do país, da qual se espera quantidades ainda mais elevadas.

Em centenas de fábricas de aviões e acessórios, a guerra está tendo verdadeiros participantes no valioso trabalho de hábeis especialistas que se dedicam à fabricação de cilindros; nas enormes prensas que dão forma às peças componentes de asas de bombardeiros; nos numerosos mecânicos e milhares de outros jovens operários e operárias que soldam, rebitam e completam os aeroplanos em seus menores detalhes e em quantidade que assombra. Esta é a guerra industrial que todos podem ver com seus próprios olhos — nas vastas fábricas em

Maryland, onde hidroaviões Martin rodam das cadeias de montagem para as águas da baía de Chesapeake; nos grandes estabelecimentos fabris na Nova Inglaterra, onde artífices, continuadores de tradicional habilidade industrial de guerra, produzem peças de motores com tolerâncias de 1/10.000 de polegada; nas usinas de redução de alumínio, nas usinas de aço, nas fábricas de instrumentos de precisão e nos novos e grandiosos centros de montagem, onde gigantescas Fortalezas Voadoras e Liberators recebem suas últimas demão e levantam vôo com destino às frentes de batalha. Esta é a guerra da ferramenta, da matéria prima estratégica, dos efetivos militares colossais e da capacidade diretora — todos os recursos visíveis de uma grande nação industrial.

O espírito pioneiro que fundou a Wright Brothers, que há 39 anos tem mantido ininterrupto o desenvolvimento técnico da arte de voar; que tem aumentado a velocidade do avião, de 45 para mais de 450 quilômetros horários, e capaz de atingir altitudes, não mais de apenas centenas de metros, mas de quilômetros, em plena estratosfera; — esse espírito de iniciativa está hoje proporcionando resultados incalculáveis para a nação e seus denodados defensores. O ânimo empreendedor que fez

com que aviadores da marinha americana realizassem o primeiro vôo através do oceano num aparelho mais pesado que o ar, em 1919; que os fez levar a efeito o primeiro vôo contínuo através da mesma rota marítima; e ainda a circundação aérea do mundo e a criação da grande indústria de aviões comerciais — esse mesmo ânimo está agora demonstrando ser de inestimável valia na luta pela liberdade.

Os Estados Unidos, devido talvez às suas fronteiras oceânicas, pareciam ser para o público em geral, um país garantido até mesmo contra a ação do tempo. Os recursos da capacidade técnica da nação neste sector achavam-se principalmente devotados ao aeroplano como um meio comercial de ligar cidades de um vasto país, tornando vizinhos seus habitantes e unindo mais intimamente a própria nação às suas irmãs repúblicas ao sul, assim como ao resto do mundo. Mas da mesma prancheta de onde saíam os planos para os Clippers que ora cruzam os oceanos, a frota eficiente das linhas de transportes aéreos e os possantes motores que têm tornado possível tais aparelhos, — também têm saído planos para os mais possantes aviões militares incomparáveis por suas qualidades ofensivas e defensivas. Meses antes de serem construídos os aeropla-

nos que agora ligam os mares do planeta, a perfeição de seus desenhos já havia sido posta à prova nos centros de experimentação, nos tuneis próprios onde se produzem verdadeiros vendavais e nos hangares onde a teoria e prática do vôo são aplicadas por cientistas que também são aviadores.

Pesquisa em aviação quer dizer técnicos em tuneis, verificando mostradores a registrar pressões de ar na superfície das asas, nos ailerons e lemes; peritos com equipamento de aviador, não em aeroplanos, mas em carros elétricos, fazendo 80 quilômetros por hora, a rebocar em canais de prova, cascos de hidroaviões em miniatura, nos quais se verifica o tempo exato de subida e descida; técnicos com máquinas fotográficas, procurando registrar no filme, através de pequenas janelas de quartzo num cilindro de motor, a chama de combustão da possante gasolina. E' por meio dessa incessante prática científica de engenharia aeronáutica, que se tem alcançado o progresso fenomenal do aeroplano.

De significação, porém, ainda maior que os "records" de produção e progresso técnico num mundo em guerra, é a crescente rapidez com que estão sendo feitas as entregas de aviões de combate enviados para as frentes de guerra. Um dos encargos militares mais importantes de todos os tempos acha-

**Pilotos** do serviço de entregas de aviões, das fábricas dos Estados Unidos aos numerosos aeródromos da Inglaterra e do Oriente-Próximo. Afeitos a longas travessias aéreas, estes experimentados pilotos percorrem meio mundo com a maior naturalidade, vendo e convivendo com povos diversos, em grande variedade de países em todos os continentes



**De uma** das grandes fábricas de aeroplanos da Califórnia, é empurrado este gigantesco bombardeiro, completamente equipado para decolar com rumo a alguma das frentes de batalha na Europa ou na África. Dentro de duas semanas, deverá estar esse formidável aparelho entrando em fogo, em decisivos encontros, marcando o poder das Nações Unidas





# A Aviação Diminui o MUNDO

se entregue a um grupo de intrépidos aviadores, cujas ordens recebidas são para fazer todo o possível afim de evitar combate. A essa seção vital da Aviação Militar dos Estados Unidos — o Comando de Transportes — tem sido confiada a responsabilidade de entregar os aviões militares que estão a sair das fábricas em número cada vez maior.

Quanto pilotos se encontram a serviço do Comando de Transportes, assim como o número de aparelhos que estão sendo entregues à Austrália, Índia, Rússia, Oriente-Próximo e Ilhas Britânicas, é estrito segredo militar. Mas a vasta série de bases, a rede de estações meteorológicas e de comunicações que o Comando já estabeleceu, são prova do escopo das suas operações. De importância também extraordinária, é o aumento dia a dia do número de aviões dos Estados Unidos que estão aparecendo sobre as linhas de fogo, num eloquente testemunho da maneira pela qual o Comando de Transportes está desempenhando o seu mistério.

O Comando foi organizado oficialmente em 5 de Junho de 1941, não somente para fazer entrega de aviões à Inglaterra, como para adestrar tripulações aéreas dos Estados Unidos para vôos de longo alcance em aviões multimotores. Suas atividades têm-se desenvolvido consideravelmente, a ponto de estarem agora seus pilotos registrando um total diário de quilômetros de vôo que excede extraordinariamente à quilometragem de vôo de todas as linhas aéreas comerciais reunidas da nação.

As operações do Comando constituem um interessante episódio de um mundo que está a diminuir em tamanho — um mundo no qual, horas, não quilômetros, têm-se tornado a verdadeira medida de distância. Os pilotos do Comando recebem os aviões às portas da fábrica. Seu destino pode ser o Egito, Índia, Rússia, Austrália, ou um dos centenas de aeródromos espalhados pelos ingleses nas Ilhas Britânicas; mas cada piloto sabe que, seja qual for o seu ponto de aterrissagem no mundo, nunca é a mais de 60 horas de vôo direto dos Estados Unidos. Para atender à contínua produção de aviões multimotores destinados à Rússia, Oriente-Próximo e Extremo-Oriente, uma série de bases, verdadeiros pontos de apoio, foi construída através do vasto território africano. Quando o Comando iniciou seu serviço de transportes de aviões para o mundo inteiro, já havia estações de vôo através da África. Mas eram estações inglesas destinadas apenas a aviões monomotores. A maioria dos bombardeiros britânicos tinha suas bases nas Ilhas Britânicas, de onde levava a efeito seus ataques à Alemanha. Os ingleses não tinham necessidade de maiores aeródromos, por isso que estavam distribuindo no Extremo-Oriente apenas aviões pequenos. Mas quando se trata de quadrimotores, como os *Liberators* e *Fortalezas* Voadoras, as carreiras existentes nos aeródromos tiveram de ser mais longas e de bases mais resistentes. Novos alicerces e carreiras mais extensas foram então construídas, participando desse trabalho centenas de africanos,

para o transporte de pedra britada e outros materiais. A areia do deserto penetra facilmente nos motores, enquanto os mecânicos os esquentam. Para evitar esse perigoso inconveniente, plataformas de concreto tiveram de ser construídas. Hospitais, dormitórios para as tripulações, oficinas mecânicas e complicados aparelhos de comunicações foram também instalados em lugares que há um ano eram apenas densas florestas, ou areais. Pilotos e navegadores são apenas parte desse sistema universal de entrega de aeroplanos por atacado. Centenas de técnicos, engenheiros, mecânicos, especialistas em comunicações e médicos desempenham também papel essencial para mantê-los no ar.

Tudo que é possível ser transportado pelo ar para o Extremo-Oriente, Oriente-Próximo e Rússia, está seguindo por sobre florestas e desertos da imensa área entre o delta do Níger e o Nilo. E à proporção que tem aumentado a remessa de aviões através

do Atlântico-sul para a África, as distâncias que separam os Estados Unidos das demais Nações Unidas e das frentes de batalha, têm perdido a sua tradicional significação em face de fatos concretos. Guerra mundial — quer dizer frentes separadas por milhares de quilômetros por terra e milhares de milhas por mar. Todavia, o vasto raio de ação do moderno aeroplano está tornando possível às Nações Unidas manterem uma estratégia única, tão necessária para a vitória. A visita que o Primeiro Ministro Churchill fez ao Presidente Roosevelt, nos Estados Unidos, a missão Harriman à Rússia, para tratar de suprimentos; a ida do general George C. Marshall à Inglaterra, para conferências sobre a estratégia, com os chefes militares britânicos, foram todas facilitadas pelo aeroplano. Pelo ar, Chungking fica apenas a poucos dias de Washington; da capital americana a Londres é simples questão de horas. Oficiais, técnicos e especialistas

da guerra econômica podem facilmente estar presentes nas diversas capitais das Nações Unidas, conjugando seus esforços contra um inimigo comum e chegando pessoalmente a importantes acórdos estratégicos.

Dos pântanos e florestas da Libéria à Eritreia, no Mar Vermelho, e do Oriente-Médio ao populoso sub-continente que é a Índia, uniformes de tropas dos Estados Unidos estão-se tornando cada vez mais comuns, é o idioma inglês tal como é falado na América do Norte, cada vez mais em evidência.

Uma das circunstâncias mais reveladoras da natureza da revolução estratégica operada pelo aeroplano, destaca-se na atitude dos pilotos que mantêm em perfeito funcionamento esse sistema de suprimentos — os aviadores cuja capacidade profissional tem transformado um empreendimento de concepção fantástica em realidade de cada hora. Para esses jovens, nascidos durante a última guerra, ou após o armistício, o avião é um veículo tão comum e familiar como o automóvel ou um vagão de estrada de ferro. Eles expõem-se a riscos diariamente, dos gelos das regiões árticas às formidáveis tempestades de areia, voando frequentemente sem as vantagens do rádio-farol, tomando seu curso pelas estrelas; contudo, consideram a sua tarefa coisa muito prosaica. Um tenente, de 28 anos, que tem estado a voar para o Comando desde Setembro último, refere-se muito naturalmente à sua última viagem ao estrangeiro, jornada em cujo curso teve ele de aterrissar em doze países, percorrendo 25 terras diferentes. Outro piloto, capitão, percorreu no mesmo bombardeiro quadrimotor, com a mesma tripulação, cerca de 140.000 quilômetros durante os primeiros quatro meses, depois de 7 de Dezembro último. Neste mesmo mês, aterrissou ele em Trinidad. Foi aí que, com o seu passageiro, William C. Bullitt, enviado especial do Presidente Roosevelt ao Oriente-Próximo, foi informado de que os Estados Unidos haviam sido forçados à guerra. Ambos voaram, depois, através do Atlântico, para a África, Cairo, Síria e em volta do Oriente-Médio. Aí recebeu o capitão ordem para seguir com a sua tripulação para o Extremo-Oriente. E num avião sem couraças, sem tanque de gasolina à

prova de orifício de bala, dispondo apenas de duas metralhadoras para defesa, voaram eles através da zona de guerra, aterrissando no aeródromo de Rangoon uma hora mais ou menos depois de terrível bombardeio pelos japoneses. Durante os três meses que se seguiram, voaram no mesmo avião para dentro e fora da ilha sitiada, aterrissando geralmente ao escurecer, para evitar a perseguição nipônica. Doutra feita, percorreram 2.700 quilômetros por sobre as Filipinas, sem rádio nem qualquer informe meteorológico. Nesse incrível feito de navegação astronômica, fizeram rumo exatamente ao seu objetivo. Aí socorreram 25 sargentos da Força Aérea, todos indispensáveis nos demais setores da guerra.

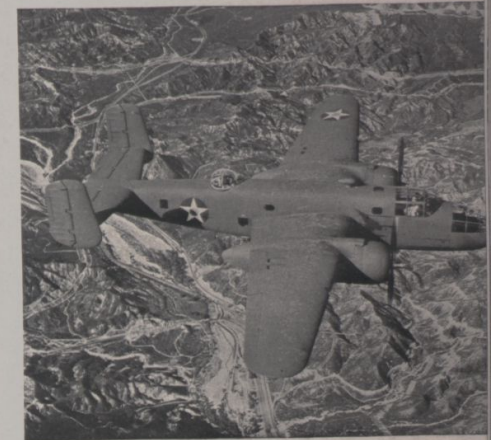
Através do rápido tráfego de bombardeiros entre os Estados Unidos e a Inglaterra, que está sendo mantido com perfeita regularidade, Londres e Washington estão a apenas poucas horas de distância. Altas autoridades de ambos os governos visitam-se mutuamente para tratar de assuntos oficiais. Mantem-se dessarte um contato pessoal constante, que teria sido impossível sem a extraordinária rapidez do avião moderno.

A recente ida de avião a Londres, do general Henry H. Arnold, chefe da Aviação Militar, e do almirante John H. Towers, chefe do Bureau de Aeronáutica, acentua extraordinariamente as grandes vantagens da via aérea de comunicações.

Os ataques da aviação britânica a áreas nazistas no continente, há meses que vem assumindo as proporções de uma verdadeira "segunda frente" do ar. A despeito da chegada no Reino Unido, de numerosas tropas norte-americanas, acompanhadas de tanques e equipamento mecanizado, o certo é que, presentemente, o ar oferece os mais promissores resultados para operações ofensivas. Declarações feitas pelo marechal do ar Arthur T. Harris, comandante-em-chefe dos Bombardeiros da Real Força Aérea, assim como pelo Primeiro Ministro Churchill; Sir Archibald Sinclair, Ministro do Ar, e tantos outros, traduzem a presunção de que é no ar que será iniciada a grande ofensiva contra a Alemanha. Seus objetivos são paralisar as indústrias e as vias de comunicações e abater o ânimo da população



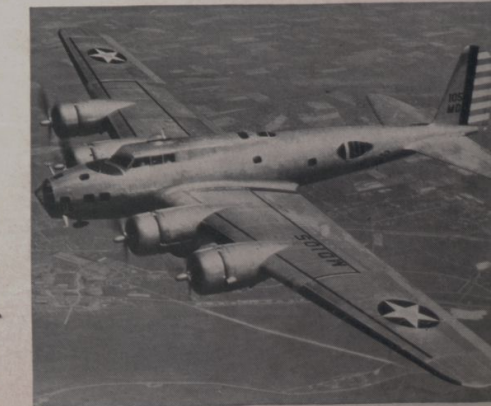
Pilotos do serviço de entregas de aviões voam sem cessar



O bombardeiro B-25, do tipo usado na incursão contra o Japão



Os grandes aviões transportam tropas, canhões e equipamentos



A "Fortaleza Voadora" — o primeiro bombardeiro de longo alcance

Não há atualmente na superfície do globo dois pontos que estejam a mais de 60 horas de vôo um do outro. Desde que decolou o primeiro avião, há 32 anos, o mapa do mundo como que tem se reduzido à décima parte do seu tamanho





**Flagrante** de jovens norte-americanos que por ocasião das festividades do Dia do Exército prestaram o juramento de cadetes de aviação num dos recintos históricos da liberdade dos Estados Unidos — o "Independence Hall", em Filadélfia. O "Sino da Liberdade" que se vê à esquerda anunciou à nação, em 1776, a declaração da independência do país. Em baixo: Aspecto do movimento num dos estaleiros de construção naval em plena atividade. A execução do programa naval surpreende até os mais otimistas



## O HOMEM ARMA DE GUERRA

**O**S Estados Unidos estão mobilizando como nunca antes na história do país, seus recursos mais fundamentais — as reservas do poder humano inerente à sua população de 133.000.000 de habitantes. No correr deste ano, o governo espera que a força do labor da nação inteira esteja aplicada aos vários trabalhos planejados. Todo o conjunto da população aproveitável, sem atender-se a seus pendoros individuais ou a ocupação prévia, servirá em qualquer setor militar ou civil, passando todos a devotar suas energias para a derrota do inimigo.

O programa inteiro será integrado com os esforços de 120.000.000 de habitantes das outras Repúblicas Americanas. O trabalho de suas fábricas e seus campos completarão o esforço dos Estados Unidos no vasto projeto de mobilizar os recursos totais do Hemisfério Ocidental, humanos e materiais, para a defesa da liberdade das Américas, conforme ficou estabelecido no Estatuto do Rio de Janeiro.

Alterações drásticas na vida de milhões de pessoas decorrem das medidas agora iniciadas a fim de assegurar completa exatidão nos cálculos desses recursos humanos, e também para fazer com que cada um passe a empregar sua atividade onde lhe seja possível fazer o máximo esforço para a vitória.

Para as demais Repúblicas Americanas, si isto representa milhões a mais trabalhando para assegurar a vitória na luta pela liberdade, também significa menos operários a trabalharem na manufatura de artigos de paz nos Estados Unidos. Quer dizer que haverá crescente dependência do concurso das nações do sul para muitos dos materiais essenciais à manutenção de tantos milhões de homens no trabalho e na luta.

A verificação do poder humano tem seu mecanismo incorporado à Lei de Seleção de Treinamento e Serviço Militar, aprovada pelo Congresso e assinada pelo Presidente Roosevelt em 16 de Setembro de 1940 — mais de um ano antes de ter sido a guerra imposta à nação.

Em 16 de Outubro de 1940, mais de 16.000.000 de homens se haviam registrado para o serviço militar, em cerca de 125.000 postos de registo em todo o país. Eram procedentes de todas as camadas sociais, ricos e pobres, das profissões liberais, operários, estudantes, agricultores e comerciantes, e todos o fizeram voluntariamente. Todo o registo foi realizado sem a ocorrência de um simples incidente desagradável — o que constitui um tributo ao patriotismo dos cidadãos norte-americanos e à eficiência do regime democrático.

A maior fonte imediata de trabalho industrial é provavelmente o elemento operário componente das grandes indústrias civis, ora sendo convertida cem por cento para a produção de guerra. Outra fonte importante, encontra-se nas indústrias civis cujos maquinismos não são conversíveis para tal produção, mas cujos operários estão sendo transferidos para trabalhos de guerra. Fator de crescente significação é o potencial do trabalho feminino, estimado num total de sete a onze milhões de operárias. O emprego da mulher na indústria de guerra está aumentando consideravelmente.

Para fazer face à quantidade de encomendas confiadas às fábricas que anteriormente se dedicavam à produção civil, amplo programa de treinamento de pessoal há meses que se acha em execução. Desde princípios do verão de 1940, mais de 3.000.000 de operários têm recebido instrução em 1.200 escolas profissionais, 155 escolas superiores e universidades e 10.000 oficinas em escolas públicas. Mais de 600 escolas práticas estão funcionando 24 horas por dia.

Extensivo como tem sido o programa governamental, a maioria dos operários de guerra do país está recebendo instrução nas fábricas que já se encontram em produção bélica. A maior parte da execução do programa de armamentos coube à gigantesca indústria de automóveis.



Um dos contingentes de tropas norte-americanas ao aproximar-se da Austrália, onde as Nações Unidas estão reunindo tropas para lançar a ofensiva contra o Japão



**O comandante** Alvin C. York, herói da primeira guerra mundial, ao efetuar o seu segundo registo, exigido de todos os varões de 45 a 65 anos, para serviço não-combatente



**O famoso** ator cinematográfico Ronald Reagan é acompanhado por sua esposa e filhinha à estação, por ocasião de sua recente partida para ingressar no serviço militar



**O Vice-Presidente** Henry Agard Wallace congratula-se com seu filho, por haver este terminado o curso para o oficialato



# HOMENS DE GUERRA

**F**OI quebrado, afinal, o prolongado silêncio oficial que envolvia o bombardeio de Tóquio, quando o Presidente Roosevelt fez entrega da mais alta condecoração do país — a Medalha de Honra do Congresso — ao general de brigada J. H. "Jimmy" Doolittle, e ao mesmo tempo revelou que o veterano piloto havia dirigido pessoalmente uma esquadrilha de bombardeiros, tripulados por outros 79 voluntários, e que haviam levado a destruição a objetivos militares em território do Japão propriamente dito, em 18 de Abril.

De regresso ao Estados Unidos onde foi glorificado pelo seu feito, Doolittle declarou que sua esquadrilha de bombardeiros North American B-25, especialmente equipados, conseguiu impactos diretos num cruzador ou couraçado de construção quase terminada, perto de Tóquio, lançara bombas incendiárias sobre a fábrica de aviões Mitsubishi, em Nagoya, e destruiu concentrações industriais, estaleiros, docas, depósitos de combustíveis e munições em Yokosuka, Kenegawa, Kobe e Osaka. Não se perdeu um único avião da esquadrilha incursora, nem tão pouco ficou nenhum deles avariado pela artilharia anti-aérea japonesa ou por interceptores defensivos, a ponto de evitar que pudesse continuar o vôo após a incursão.

Ao dar pormenores do raid, Doolittle afirmou que os aviões voaram sobre o Japão à altura de suas casas, tornando-os assim alvos difíceis para os canhões anti-aéreos, mas expondo-os ao fogo de metralhadoras de terra, ao longo da linha de vôo. Cada aeroplano tinha um alvo militar a atingir, cuidadosamente estudado com antecedência, e à proporção que se dava a aproximação dos objetivos, os aviões elevaram-se a 450 metros, altitude mínima na qual estavam garantidos contra os efeitos de suas próprias bombas. Dessa baixa altitude, os bombardeiros não tinham dificuldade em encontrar e distinguir os pontos vitais dos seus objetivos. Por ordem de Doolittle, não foram lançadas bombas na residência do imperador japonês, conquanto outros alvos hajam sido atingidos à vista do palácio imperial. Logo que as bombas atingiam os alvos, os aparelhos baixavam rente à copa das árvores. Conquanto uns trinta aviões japoneses decolassem tardiamente para desafiar seus visitantes, a velocidade superior dos bombardeiros dos Estados Unidos habilitou todos os seus pilotos a evitar com sucesso os interceptores.

Poucas semanas depois, um jovem piloto, de folga, estava sentado ao lado de sua esposa, ouvindo a irradiação do discurso do Presidente Roosevelt (de 28 de Abril).

Relatando a grande bravura e habilidade com que os aviadores das forças armadas dos Estados Unidos estavam lutando em frentes distantes, o Presidente começou a se referir a alguns feitos denodados — não casos de grande envergadura, conforme explicou o Presidente, mas exemplos típicos de heroísmo e eficiência individual levados a efeito por muitos soldados, marinheiros e outros combatentes.

"Esse foi o nosso avião," disse o piloto do exército, ao ouvir pelo rádio uma das comoventes narrativas. Era ele o capitão Hewitt T. Wheless, e eis aqui o que dizia o Presidente:

"Este é o caso de uma de nossas Fortalezas Voadoras do exército, em ação no Pacífico-oeste. O piloto deste avião é um rapaz modesto, orgulhoso de sua tripulação, pelo denodo demonstrado num dos vôos mais arriscados feitos por um bombardeiro.

"O avião decolou de sua base, para tomar parte num ataque de cinco bombardeiros a transportes japoneses que estavam desembarcando tropas



O general de brigada James H. Doolittle recebe das mãos do Presidente Roosevelt, a Medalha de Honra do Congresso, pela sua ação como comandante da esquadrilha que bombardeou o Japão. Presentes, vêm-se, da esquerda para a direita: General de brigada H. H. Arnold, chefe da Aviação Militar, Sra. James Doolittle e o general George C. Marshall

contra nós, nas Filipinas. Quando já estavam eles a meio caminho do seu destino, um dos motores deste bombardeiro enguiçou. O jovem piloto perdeu contato com os outros aviões. A tripulação, entretanto, conseguiu reparar o motor, fê-lo funcionar novamente, e o avião prosseguiu sozinho na sua missão.

"Quando esse aeroplano alcançou seu objetivo, já as outras quatro Fortalezas Voadoras haviam passado pelo local, descarregado suas bombas e assanhado uma verdadeira casa de marimbondos, a base de aviões japoneses 'Zero', de combate. Dezoito destes aparelhos atacaram a nossa solitária Fortaleza Voadora. A despeito desse ataque em massa, nosso avião continuou em sua missão e descarregou todas as suas bombas em seis transportes que estavam alinhados ao longo das docas.

"Ao regressar de sua incursão, o nosso bombardeiro travou formidável combate com os dezoito aviões japoneses, luta que se prolongou num percurso de 120 quilômetros. Quatro aviões japoneses atacaram simultaneamente de cada lado e foram abatidos pelo canhão da borda. Durante este

vôo, o rádio-telegrafista do bombardeiro foi morto, o engenheiro-mecânico perdeu a mão, à bala, e um dos artilheiros ficou inutilizado, restando apenas um homem para manejar os canhões de ambos os lados. Apesar de ferido numa das mãos, esse artilheiro conseguiu manejar alternadamente ambos os canhões, abatendo assim mais três aviões nipônicos. E enquanto isto, um dos motores do bombardeiro americano foi esfacelado, um depósito de gasolina foi atingido, assim como o rádio, e o aparelhamento de oxigênio ficou completamente destruído. Dos onze cabos de controle, sete foram atingidos e inutilizados. A roda de aterrissagem da cauda ficou despedaçada e o resto do trem de aterrissagem teve seus pneumáticos perfurados.

"A luta prosseguiu encarniçada até que o derradeiro avião japonês esgotou sua munição e desistiu. Com dois motores inutilizados e o aparelho praticamente descontrolado, esse bombardeiro americano conseguiu regressar à sua base depois do escurecer e fez uma aterrissagem de emergência. A missão havia sido cumprida. O piloto desse avião foi o capitão Hewitt T. Wheless, do exército dos Estados Unidos. Ele é natural da pequena vila



O submarino "Sailfish" em ação. Já afundou três navios de guerra japoneses

de Menard, no Texas, com uma população de 2.375 habitantes. Pelo seu meritório feito, recebeu ele a Cruz de Serviços Distintos. Espero que ele esteja ouvindo."

No mesmo discurso, o Presidente Roosevelt citou dois outros seguintes casos:

"O caso, por exemplo, do Dr. Corydon M. Wassell. Ele era um missionário, bastante conhecido por sua ação meritória na China. Trata-se de um homem simples e modesto, acercando-se dos 60 anos de idade, mas alistou-se ao serviço de sua pátria e foi comissionado no posto de capitão-tenente da armada.

"O Dr. Wassell foi designado para servir em Java, atendendo aos feridos, oficiais e marinheiros dos cruzadores 'Houston' e 'Marblehead', que haviam estado em intenso combate em águas javanesas.

"Quando os japoneses avançaram através de ilha, decidiu-se a retirada para a Austrália, de tantos feridos quanto fosse possível. Mas, cerca de doze deles achavam-se em condições tão críticas que não puderam ser removidos. O Dr. Wassell permaneceu com eles, sabendo embora que seria capturado pelo inimigo. E resolveu fazer a última desesperada tentativa para retirar os feridos de Java. Perguntou a cada um deles si estava disposto ao risco, e todos concordaram.

"Primeiro, teria ele de conduzir os doze feridos para o litoral da ilha — uma distância de 80 quilômetros. Para fazer isto, teve de improvisar macas para a difícil jornada. Os feridos estavam sofrendo muito, mas o Dr. Wassell com a sua grande proficiência conseguiu mantê-los vivos, animando-os com a sua própria coragem.

"E conforme declarou o comunicado oficial, o Dr. Wassell foi 'quasi um verdadeiro Cristo-pastor devotado ao seu rebanho.'

"Ao chegarem à costa, embarcou ele seus feridos num pequeno navio holandês. Aviões japoneses, em quantidade, atacaram-nos com bombas e metralhadoras. O Dr. Wassell como que assumiu o comando do navio, e com grande perícia evitou a sua destruição, procurando ocultá-lo em pequenas enseadas.

"Poucos dias depois, o Dr. Wassell e seu pequeno rebanho de feridos chegavam à salvo na Austrália.

"E hoje, o Dr. Wassell é um dos condecorados com a Cruz da Marinha.

"Outro episódio refere-se a um navio, um navio ao invés de um indivíduo.

"Devem lembrar-se do trágico naufrágio do submarino, o 'Squalus', ao largo da costa atlântica dos Estados Unidos, no verão de 1939. Alguns de seus tripulantes sucumbiram no desastre, mas outros foram salvos pela ação pronta e eficiente das turmas de salvamento. O próprio 'Squalus' foi dificilmente salvo do fundo do mar.

"Foi submetido a obras, incorporado novamente à esquadra e fez-se ao mar novamente sob um novo nome, 'Sailfish'.

"Hoje, é uma potente e efetiva unidade da nossa frota de submarinos no Pacífico-sul.

"O 'Sailfish' tem percorrido muitos milhares de milhas em operações naquelas águas.

"Já afundou um destroyer.

"Já torpedeou um cruzador japonês.

"Já acertou torpedos, dois deles, num porta-aviões nipônico.

"Três dos tripulantes que foram ao fundo no 'Squalus' em 1939 e foram salvos, encontram-se hoje servindo no mesmo submersível, o 'Sailfish', nesta guerra.

"É realmente emocionante saber que o 'Squalus', já uma vez dado como perdido, surgiu das profundezas do mar para bater-se pela nossa pátria, na ocasião do perigo." Ao concluir estes episódios, disse o Presidente: "Ao enfrentarmos os nossos próprios deveres, é justo que pensemos, reflitamos acerca do exemplo que esses homens de guerra nos proporcionam."



O heróico Corydon M. Wassell procede à retirada de 12 soldados feridos, de Java



Atacada por dezoito aviões japoneses de combate, uma única "Fortaleza Voadora" abate sete dos aviões inimigos, antes de tornar galhardamente à sua base



# A VOZ DE UM POVO LIVRE

A VOZ de um povo em guerra — o povo dos Estados Unidos — está sendo ouvida este ano, desde os mais remotos vilarejos até as grandes metrópoles, numa demonstração eleitoral que encerra em si um propósito universal. É o propósito de fazer a guerra total até ser alcançada a vitória contra os agressores e estabelecida para o mundo uma paz duradoura.

Nas eleições primárias para a renovação do Congresso, começadas em Abril e que prosseguem em vários Estados até se realizarem as eleições gerais em Novembro próximo, o eleitorado da nação está se manifestando através do exercício do seu tradicional direito do voto.

A opinião pública, que está sempre presente nos atos públicos, pelos seus representantes legitimamente eleitos, ou por vários outros meios, mostra-se extraordinariamente firme quanto à questão vital que diz respeito a cada um dos 130.000.000 habitantes do país: a prossecução da guerra.

Por conseguinte, já se pode afirmar que as numerosas eleições primárias estaduais, assim como as eleições gerais em Novembro, darão provas de uma unidade nacional e de uma implacável vontade coletiva que assombrarão o mundo. Isto irá constituir categórica resposta a qualquer ofensiva de paz tentada pelas nações inimigas, num esforço de se manterem na posse dos espólios das suas conquistas, antes de serem derrotadas pelas forças da liberdade. O povo dos Estados Unidos está resolvido a prosseguir com a guerra, sejam quais forem os seus sacrifícios pessoais ou perdas de vida, até que sejam rompidos os grilhões da escravidão que subjugam os povos conquistados, tornando assim possível estabelecer-se um mundo verdadeiramente livre. A solidariedade que apoia o esforço de guerra revela-se na atitude dos dois principais partidos

políticos, sob cujos princípios são encaminhadas quase todas as eleições para o Congresso. O partido Democrático apoia os objetivos de guerra enunciados pelo Presidente Roosevelt: "... o objetivo de aniquilar o militarismo imposto pelos tiranos da guerra aos povos que eles escravizaram; o objetivo de libertar as nações subjugadas; o objetivo de estabelecer e assegurar a liberdade da palavra, a liberdade de cultos e libertar os povos da privação e do temor em todas as partes do mundo. Não cessaremos enquanto não realizarmos estes objetivos, nem nos contentaremos em conseguí-los e dar por finda a nossa tarefa. Estamos determinados a não somente ganhar a guerra, como também manter a garantia da paz que se seguir."

O PARTIDO Republicano (da oposição), em manifesto orientando seus candidatos ao Congresso, também apoia "a prossecução de uma guerra de ofensiva, incessante e sem tréguas, seja qual for o seu custo em dinheiro, energia ou vida humana, até que os Estados Unidos e seus aliados hajam alcançado uma vitória completa contra seus inimigos." O partido também reconhece que os Estados Unidos têm uma obrigação a cumprir depois da guerra, obrigação de "contribuir para promover o entendimento, a amizade e cooperação entre as nações do mundo, de modo que a nossa própria liberdade possa ser preservada, e os processos danosos e destruidores da guerra não possam novamente ser impostos contra nós e contra os povos livres e pacíficos do mundo."

Assim, com os dois grandes partidos políticos advogando o prosseguimento da guerra até chegar-se a uma conclusão satisfatória, e a cooperação internacional no período pós-guerra a fim de remover a causa dos conflitos internacionais, as eleições

de agora girarão principalmente em torno de questões locais, personalidades e assuntos de guerra atinentes apenas a métodos e minúcias.

Este ano, no qual se realizarão duas eleições, dar-se-á a renovação de toda a Câmara dos Representantes — a câmara baixa do Congresso dos Estados Unidos, composta de 453 membros — e a renovação de um terço dos membros do Senado. Quasi todos os congressistas atuais candidam-se à indicação de seus respectivos nomes nas eleições primárias distritais e à reeleição nas eleições gerais de Novembro.

Desde a entrada dos Estados Unidos na guerra, após o ataque japonês, o Congresso tem demonstrado uma união de vistas, nunca antes excedida, em favor do esforço bélico.

Como é de costume em tempo de guerra, o Congresso tem concedido ao Presidente Roosevelt amplos poderes de emergência, destinados a facilitar as suas funções de comandante-em-chefe das forças armadas e mobilizar todos os recursos da nação para a vitória.

Não obstante, o Congresso tem um papel vital na guerra, e o está desempenhando. Só o Congresso tem o poder de determinar novos impostos, de aprovar as enormes dotações necessárias às despesas com a produção de armamentos e manutenção e abastecimento das crescentes forças armadas.

A mesa e as comissões especiais do Senado e da Câmara dos Representantes mantêm incessante vigilância em todas as fases do esforço bélico e dos interesses do povo. Os membros do Congresso, por sua vez, atuam como constante ligação entre o povo de seus respectivos distritos e o governo federal em Washington, tratando perante as autoridades competentes, de todos os problemas, interesses e aspirações daqueles que lhes confiaram o mandato.

O Presidente executa as leis do país e os tribunais podem julgar da sua ligitimidade, e ao Congresso cabe o poder de legislar de acôrdo com suas atribuições



Henry A. Wallace, Vice-Presidente dos Estados Unidos e figura predominante na vida pública de sua pátria. É fervoroso propugnador da aproximação interamericana

HENRY AGARD WALLACE, Vice-Presidente dos Estados Unidos, agricultor, jornalista, escritor, matemático, economista e cientista conhecido internacionalmente por seus trabalhos sobre a genética das plantas, é figura predominante no esforço bélico do governo. Como presidente da Junta de Guerra Econômica, de magna importância, Wallace dirige a vasta ofensiva econômica contra as potências do Eixo, que abrange funções relativas ao controle de exportação, aquisição e acumulação de matérias primas estratégicas, assim como planos econômicos destinados a amainar os choques do reajustamento do período pós-guerra. Como membro da Junta de Produção de Guerra, entidade suprema no planejamento de guerra do governo, Wallace é parte essencial na execução do

## WALLACE O VICE-PRESIDENTE

colossal programa de armamento da nação. E como Vice-Presidente da República e Presidente do Senado, desempenha funções de relevo no processo legislativo do Congresso, em cujas deliberações se assentam todas as atividades do governo.

Wallace tem conseguido dar às suas funções constitucionais certa dualidade administrativa e executiva, misto de intuições teóricas e de sabedoria

aplicada, feito quasi único na vida pública. Sua dedicação ao trabalho e seu espírito multiforme têm vivificado as funções do cargo a um ponto sem precedente na história do país.

Natural de Iowa, pertence ele a uma família tradicionalmente ligada à agricultura. Seu avô, Henry Wallace, era agricultor e pastor protestante, tendo sido o fundador da famosa revista agrícola "Wallace's Farmer". Seu pai, Henry Cantwell Wallace, foi professor no Iowa State College, assumiu a direção da revista e foi Secretário da Agricultura no governo do Presidente Warren Harding. Quando seu pai iniciou sua vida pública, Henry A. Wallace tornou-se diretor da revista, onde permaneceu até haver assumido, a convite do Presidente F. D. Roosevelt, o cargo de Secretário da Agricultura, em 1933.





A armadilha para tanques é um feito de engenharia militar. Toras dispostas nesta posição empinam o tanque no rasto das rodas, tornando-o inútil



As tropas de engenharia frequentemente vão na frente, em pleno combate, em arduas incumbências, como a de cortar cercas de arame farpado e outros obstáculos

## À CABEÇA DO ATAQUE

A FRENTE de quase todo ataque pelas forças motorizadas dos Estados Unidos encontram-se as tropas de engenharia. Esta arma é um dos elementos mais importantes nas operações motorizadas.

Aviões, tanques e munições de todos os tipos são movimentados rapidamente durante um ataque. Nessa rápida movimentação está a vantagem essencial da surpresa.

A rapidez do transporte por toda sorte de terreno, através de pântanos, matas e montanhas, praias e riachos, e até mesmo em terreno melhor, depende do trabalho das tropas de engenharia que, na vanguarda, vão preparando caminho para a artilharia pesada e forças motorizadas atacarem com todo o vigor.

A tropa de engenharia prossegue continuamente em sua ação de destruir fortificações inimigas e impedir que as demais tropas do conjunto motori-

zadas sejam vítimas de minas e armadilhas para tanques.

Com incrível atividade, os sapadores constroem pesadas pontes sobre pontões, capazes de suportar os tanques e equipamento de artilharia mais pesados, e que assim fazem a travessia a-fim de continuar o ataque. Frequentemente, as pontes são construídas sob o rigor de incessante fogo da artilharia inimiga e de aviões de bombardeio.

Sapadores e engenheiros desempenham sua tarefa tanto nas linhas avançadas quanto na retaguarda, para manter abertas as vias de abastecimentos e comunicações. Destroem pontes, viadutos e estradas, assim como muitos dos canhões capturados.



Com o caminho livre do emaranhado de arame farpado, as tropas de infantaria prosseguem na avançada contra o inimigo, acobertadas por densa cortina de fumo



Esses soldados de atividade tão variada, além de serem fator essencial para garantir a avançada das tropas das outras armas, também impedem o avanço do inimigo. À proporção que a engenharia afasta-se da zona de combate, na qual os sapadores são os primeiros a entrar e os últimos a se retirar, vão eles causando sérios danos ao inimigo, invertendo dessa forma o processo de suas atividades por ocasião da avançada. Destroem pontes e inutilizam estradas à proporção que se retiram, ao passo que, ao avançarem, a sua função é de se apoderarem e manterem esses meios de ligação para uso das demais tropas atacantes. Colocam minas para causar o maior número possível de baixas em colunas desprevenidas do inimigo. Todas as linhas de comu-

nicações são destruídas, para evitar que caíam nas mãos do adversário.

Enquanto estão essas tropas de engenharia na frente de batalha, outros destacamentos da mesma arma, distribuídos por todo o teatro das operações, encarregam-se de centenas de tarefas que, sem serem tão evidentes, nem por isso são menos vitais. Eles mantêm o suprimento de água às tropas que se acham na frente de batalha, e para fazer isto, cada batalhão que se encarrega do abastecimento do precioso líquido é equipado com aparelhos para abrir poços, purificar e conservar água, dispondo também de médicos para examinar a qualidade da água potável. Cada batalhão tem a seu cargo nove caminhões para purificação de água e noventa ca-

minhões-tanques com capacidade para 3.000 litros cada um, além de outros veículos motorizados para o comando e administração.

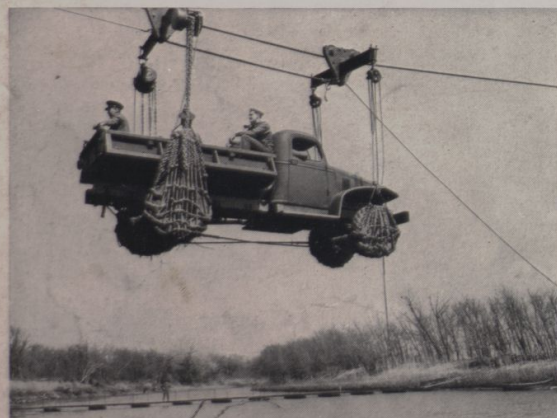
A engenharia também organiza, imprime e distribui mapas; conserva e constrói estradas, pontes e fortificações; constrói estradas de ferro e encarrega-se de manter o seu tráfego, assim como constrói e administra portos, fornece materiais de camuflagem e de engenharia às demais tropas. Tem ainda a seu cargo o serviço de iluminação e distribuição de força elétrica e armazenagem e distribuição de todos os materiais de construção, desde plantas e ferramentas até acessórios. Tais funções desempenhadas na retaguarda são de grande importância, e a qualquer momento pode uma delas

tornar-se fator do sucesso de toda a campanha. A eficiência da arma de engenharia deve-se sobretudo ao fato de ser a mesma completamente motorizada e de dispôr de máquinas, aparelhagens e ferramentas dotadas de força elétrica motriz para os seus trabalhos. Desta maneira, na construção de estradas, na impressão de mapas, purificação de água, transportes terrestres e fluviais e todos os demais trabalhos a seu cargo, os engenheiros têm à sua disposição os maquinismos mais modernos e que simplificam a sua constante atividade.

Os corpos de engenharia não somente desempenham todas as funções referentes a abastecimentos, construção e operações da guerra mecanizada, como estão equipados para combater sempre que for necessário, ao lado da infantaria, das forças blindadas e demais armas do exército. Na guerra moderna, a engenharia é realmente a coluna mestra no conjunto da organização de todas as demais armas.



Pontoneiros do 24º Batalhão constroem enorme balsa sobre pontões, destinada a travessia de equipamento pesado de tropas mecanizadas. O terreno acidentado da margem oposta recebeu cobertura provisória de resistentes telas de aço



Em três horas os engenheiros estabeleceram esta importante ligação aérea, por meio de cabos de aço, que permitem o transporte rápido de pesados caminhões



A construção de armadilhas para tanques é um verdadeiro feito de engenharia militar. As mais eficazes são construídas com grandes toras de madeira, devidamente inclinadas



Depois de rechassados os defensores, por meio de lança-chamas, os engenheiros completam o assalto, destruindo a dinamite as fortificações



Os pontoneiros são inestimáveis elementos de ligação do exército. Este é um exemplo de sua prodigiosa habilidade na construção rápida duma ponte para ser utilizada por tropas de infantaria





Distribuídos em esquadrões, uma para cada barco de borracha, os fuzileiros navais, completamente armados e equipados, deixam o seu navio-base, para realizar um

## FÔRÇAS DE DESEMBARQUE

A MARINHA dos Estados Unidos tem mantido uma força especial de desembarque, composta de tropas experimentadas e aguerridas, afeitas à tática do assalto de surpresa e à queima-roupa. Nas forças armadas nenhuma outra tem dado melhores provas de extraordinário denôdo em ação ofensiva e defensiva.

Importante parte das atividades dessas tropas de assalto são as suas operações em barcos de borracha, empregados em desembarque em território inimigo. Essas operações já atingiram o ponto de verdadeira técnica especializada de guerra.

Os barcos de borracha seguem a bordo dos navios transportes de tropas. Logo que se torna iminente a ação, os barcos são cheios de ar por meio de grandes bombas mecânicas, ou simples bombas manuais. Esses barcos repre-



A bordo, procede-se ao enchimento de um dos indispensáveis barcos de borracha



Os fuzileiros já desembarcaram e estão firmando o seu ponto de apoio para lançar



assalto. Isto faz parte dos exercícios de desembarque, operações que têm estado tradicionalmente a cargo do famoso Corpo de Infantaria de Marinha dos Estados Unidos

sentam a última palavra na guerra anfíbia e transportam com perfeita segurança uma esquadra de fuzileiros completamente equipados. Uma vez entumecidos, os barcos são arriados do costado dos navios e os soldados se acomodam da melhor maneira possível nessas ilhotas de borracha.

Conforme a natureza das operações, os barcos aproximam-se acionados por seus próprios motores de popa, rebocados por barcos maiores, ou a remo. Em certas operações o remo é o método indicado. Motores e barcos maiores não são usados, sempre que o desembarque tem de ser feito nas caladas da noite.

Ao chegarem em terra, os soldados arrastam o barco para ponto abrigado sob a folhagem, onde cercam-no de toda camuflagem possível contra ataques aéreos ou mesmo de forças inimigas em terra. No caso de haver logo o encontro com tropas inimigas, então não há tempo para pensar em barcos. Dá-se o combate com toda a sua intensidade, e faz-se sentir o formidável poder de ataque desses guerreiros anfíbios. Logo que desembarcam, os fuzileiros prontamente estabelecem o seu ponto de apoio para as demais forças que lhes seguem.



Barcaças de aço trazem o equipamento pesado. Um carro "jeep", disposto de um canhão de 37 mm., avança para a praia. Outras barcaças trarão tanques ligeiros



o ataque. À distância destacam-se as barcaças que conduzem canhões e veículos blindados para completar o conjunto das forças anfíbias da marinha Norte-Americana



# Bolivia...

SEUS RECURSOS VITAIS PARTICIPAM NA LUTA



O general Enrique Penaranda, ilustre Presidente da Bolívia, cujo governo assinala uma era do seu progresso

DOS grandes depósitos de minérios da Bolívia vertem inacabáveis fontes de ricos minerais para as indústrias de guerra dos Estados Unidos — materiais que dia-após-dia reforçam a segurança do Hemisfério Ocidental e ajudam as forças da Liberdade no conflito mundial.

Estanho, tungstênio, antimônio, chumbo, cobre, zinco — são os vitais ingredientes das armas de guerra, e são encontrados em vastas quantidades nas terras bolivianas.

A Bolívia, unida às repúblicas irmãs das Américas na determinação de defender as instituições da liberdade e da justiça e no combate às forças da agressão totalitária, está fazendo com que seus recursos mineralógicos sejam abundantemente úteis aos Estados Unidos e às nações aliadas que agora se empenham nesta luta pela causa da liberdade.

Sob a orientação de seu presidente, o general Enrique Penaranda, a Bolívia cortou todas as relações com as nações do Eixo — Alemanha, Itália e Japão — e está cooperando em diversas formas com as outras Repúblicas Americanas na manutenção da segurança do Hemisfério e nos laços da solidariedade Panamericana.

Poucos países no Hemisfério apresentam tão assombrosos contrastes em características físicas como a Bolívia. Desprovida de costa marítima e dependente dos portos dos países vizinhos — Perú, Chile, Argentina e Brasil — a grande república dos Andes, terceira em tamanho no continente sul-americano, possui diversas condições climáticas, por ter grandes variações de altitudes, das florestas virgens e planaltos tropicais no extremo este aos planaltos áridos, batidos pelo vento e elevados de dois até mais de seis mil metros acima do nível do mar. O país tem uma área aproximadamente de 1.038.675 quilômetros quadrados, excedendo em ta-

manho à França e Espanha reunidas. Seu grande lago Titicaca, nos limites com o Perú, é a mais alta massa de água navegável no mundo, estendendo-se em 4.500 milhas quadradas, extensão comparável à ilha inglesa de Jamaica, nas Antilhas.

A capital oficial da Bolívia — a cidade de Sucre — com uma população de 40.000 habitantes é situada num elevado planalto dos Andes. A sede do governo da república, porém, é em La Paz, localizada mais alto ainda, a 4.000 metros. Esta cidade é uma das mais encantadoras no Hemisfério Ocidental, e com exceção de Lhasa, capital do Tibet, é onde mais alto se acha o governo de uma nação.

A despeito da riqueza de outros recursos mineralógicos, tais como ouro, prata, antimônio, cobre e chumbo, a Bolívia, uma nação de três e meio milhões de almas, é conhecida no mundo principalmente pela sua produção de estanho. Ali tem havido sempre uma fonte segura desse metal. Os conquistadores, em suas buscas pelo ouro, prata e outros minerais preciosos, sempre desprezaram os cascalhos de estanho que seus escravos Aymaran extraíam em suas minerações de ouro. Mas os modernos bolivianos estabeleceram uma grande indústria de mineração e concentração desse minério. Eles já venceram os problemas de transporte, que teriam espantado um povo que não estivesse acostumado aos perigos de caminhos montanhosos estreitos e enganosos, cobertos de gelo e neve, vertiginosas rampas, terríveis abismos e frágeis pontes entre profundos precipícios.

A pesar de haverem os Estados Unidos anteriormente usado mais de metade da produção mundial de estanho, numa média de 75.000 toneladas anualmente, pouco ou quase nada haviam obtido da Bolívia, porque esta república enviava quase que o total de sua produção para a Inglaterra, para fundição e tratamento. As necessidades norte-americanas eram satisfeitas principalmente pelas minas da Maláia e Índias Orientais Holandesas. Agora, porém, em virtude do acordo realizado entre alguns produtores importantes de estanho da Bolívia e a Companhia de Reservas de Metais, entidade apoiada pelo governo dos Estados Unidos, grande parte do estanho boliviano é exportado para este país, que já a está fundindo em larga escala.

Que os recursos minerais da Bolívia e sua inteira capacidade econômica têm estado à disposição da defesa do Hemisfério, foi um fato claramente exposto pelo Dr. Luiz Fernando Guachalla, então Ministro da Bolívia em Washington, em seu discurso, quando apresentou ao Presidente Roosevelt, suas credenciais de Embaixador, posto para o qual havia sido elevado pelo seu país.

O embaixador prometeu a intensificação dos esforços de seu país para aumentar a produção do estanho e outros minerais estratégicos, e acrescentou:

“Não há dúvida que esta esplendida cooperação de longo alcance evidenciará, através dos anos, excelentes resultados, e fará da Bolívia um país próspero, o que é de importância para os Estados Unidos, porque encontrarão lá os melhores e mais seguros recursos, agora e no futuro, de minerais estratégicos e produtos industriais de que necessitam em tão grande escala nesta grave emergência.”



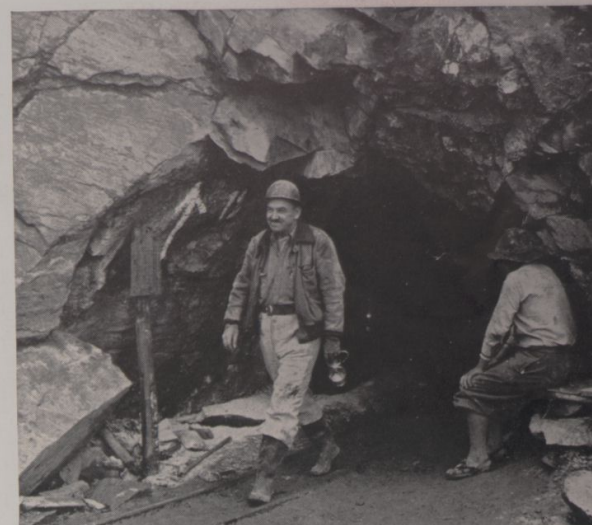
A Praça Murillo, (La Paz) A esquerda o Congresso, e à direita, o palácio presidencial. Ao fundo, montanhas formam

Com a interrupção do abastecimento de estanho de



vigoroso e pitoresco cenário da importante república andina, um dos grandes centros da riqueza do Hemisfério e que agora está sendo um dos empórios de matérias primas de guerra

Maláia, a Bolívia tornou-se a última importante fonte desse material de guerra. Em baixo: A mina de Colquiri—uma das maiores da Bolívia—situada no pé dos Andes



Outro importante produto mineral da Bolívia é o tungstênio — de necessidade imprescindível para o esforço de guerra. Aqui destaca-se a entrada de uma mina, em Chojilla

Maláia, a Bolívia tornou-se a última importante fonte desse material de guerra. Em baixo: A mina de Colquiri—uma das maiores da Bolívia—situada no pé dos Andes







A Bolívia moderna é edificada sobre as ruínas de uma das mais antigas civilizações da América. Aspecto de históricos remanescentes, perto do lago Titicaca



Colegiais dirigindo-se para uma passeata em Catavi, pequena vila de mineração de cobre. A escola foi estabelecida e é custeada pela empresa que explora a mina



O atraente terraço do Hotel Sucre Palace, em La Paz, centro de reunião da alta sociedade boliviana. O hotel fica num dos pontos mais aprazíveis da cidade



Situada no "tôpo do mundo", La Paz é uma cidade moderna. Aqui, a 4.000 metros de altitude, encontram-se alguns dos edifícios mais modernos nas Américas, de par com alguns dos

cenários mais surpreendentes. No fundo distingue-se parte do monte Illimani, com o seu pilaresco detalhe de camadas de neves eternas, aspecto característico das cordilheiras andinas



O novo edifício do Ministério da Fazenda, em La Paz. Este é um exemplo das tendências modernas na arquitetura boliviana, e que reflete o seu espírito de progresso



O senado boliviano em sessão. Politicamente, a Bolívia é um dos mais seguros baluartes da solidariedade interamericana, conforme já tem dado expressivas provas



Um novo campo de plantação de coca nas cercanias de Chulumani, e que constitui valioso produto regional boliviano. As folhas são colhidas três vezes durante o ano



# A VOLTA DA BORRACHA

A BORRACHA está voltando para a América. e, agora, definitivamente. As bases de uma grande indústria de borracha natural no Hemisfério Ocidental, que beneficiará as Repúblicas Americanas produtoras e consumidoras, está tomando vulto em meio do caos e da desordem econômica de um mundo em guerra.

A interrupção dos suprimentos de borracha do Extremo-Oriente, de par com enormes necessidades do produto para fins militares, impôs o estabelecimento de várias medidas destinadas a manter "stocks" adequados para aplicações de guerra, e acelerou o programa para o desenvolvimento das fontes do produto situadas neste Hemisfério. Com a cooperação das outras Repúblicas Ameri-

canas, providências têm sido tomadas para conseguir maior quantidade de borracha natural no Hemisfério Ocidental. Usos não-essenciais do produto, tais como em pneumáticos para automóveis comuns, já foram suspensos. Uma medida a mais para atender à solução imediata do problema é a manufatura da borracha sintética, que pode substituir em alguns casos a borracha natural.

As grandes possibilidades de produzir borracha em vasta escala nas Américas, não é descoberta nova. Muito antes de haverem as necessidades da guerra e os acontecimentos dela decorrentes dado caráter de extrema urgência e importância às fontes de borracha, existentes e em potencial, em seu "hábitat" neste Hemisfério, trabalhos já haviam

sido iniciados para desenvolver e aumentar a produção de borracha em vários países do Hemisfério. Empresas particulares, como a Ford Company e a Goodyear Rubber Company, também fizeram experiências sobre a possibilidade de plantar a borracha cultivada no Hemisfério Ocidental.

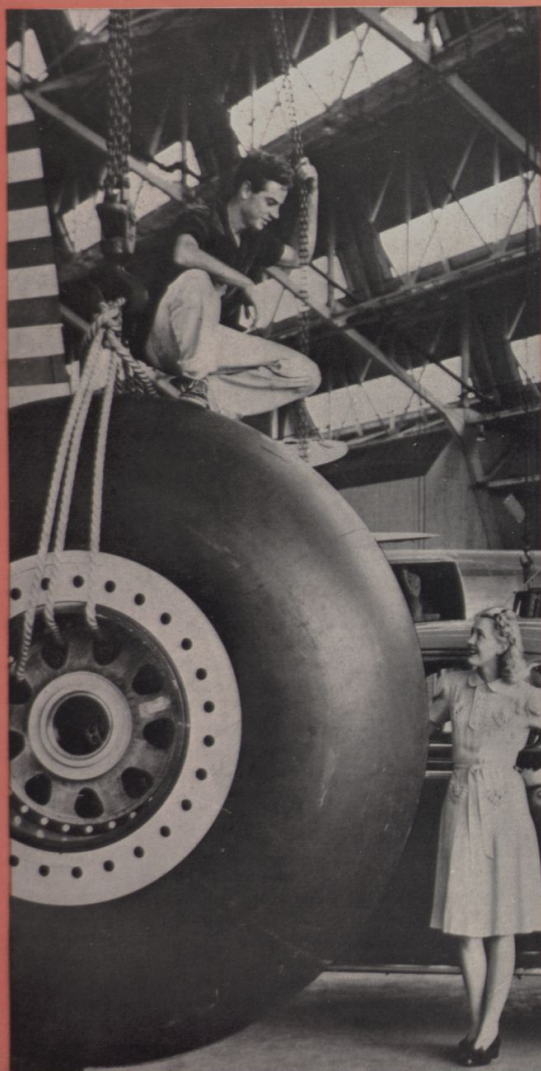
Entretanto, ainda em 1941, aproximadamente 98 por cento da produção da borracha do mundo continuava a vir do Extremo-Oriente. O empreendimento das empresas particulares e as atividades de vários grupos de técnicos em pesquisas nas nações americanas, não haviam ainda conseguido aumentar a produção da borracha do Hemisfério Ocidental a quantidades apreciáveis no grande consumo. As indústrias de paz nos Estados Unidos de-

pendiam da borracha do Extremo-Oriente. Para a fabricação de pneumáticos, equipamento blindado, bombardeiros e veículos motorizados de todos os tipos, barcos de assalto, isoladores para fios elétricos — dos quais, milhares de metros são usados num couraçado moderno — não havia nenhuma outra fonte imediata e suficiente de borracha.

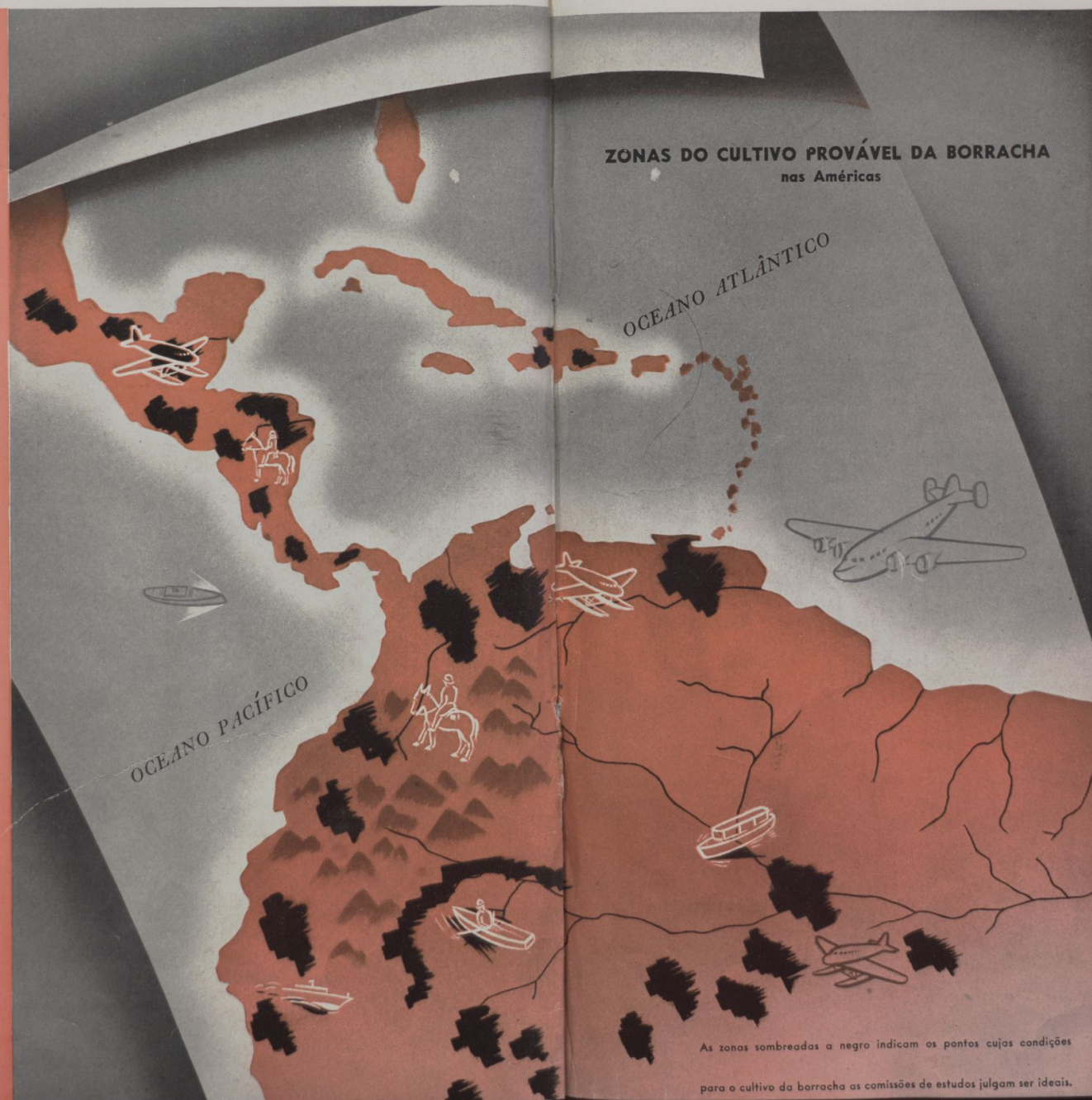
Com o início da guerra na Europa, em 1939, surgia um novo problema e mais urgente. Indústria alguma poderia depender da entrega regular de sua matéria prima bélica, procedente de fontes situadas a 10 e 15 mil milhas, no Extremo-Oriente. Nisto havia um problema que desafiava tôdas as Américas.

Ciente desta situação, o Presidente Roosevelt e o Vice-Presidente Wallace (então Secretário da Agricultura), apoiaram pessoalmente a criação de fundos necessários à solução da carência de borracha no Hemisfério Ocidental.

Esses fundos foram muito mais do que simples sugestão para a realização de experiências. Desde as primeiras pesquisas, que os cientistas americanos verificaram a possibilidade de ser a borracha cultivada com sucesso em muitas das nações americanas. De conformidade com a lei, foram eles autorizados a iniciar os trabalhos, e isto já está sendo feito. Estabeleceu-se um plano de três anos, que entrou em vigor com a abertura do respectivo crédito, ao qual serão adicionadas as verbas procedentes de várias nações americanas produtoras da borracha.



Quasi uma tonelada de borracha entrou na fabricação deste gigantesco pneumático de avião de bombardeio — umas das boas razões porque estão sendo racionados os pneumáticos para consumo civil. Este tem três metros de altura



As zonas sombreadas a negro indicam os pontos cujas condições para o cultivo da borracha as comissões de estudos julgam ser ideais.



O Presidente Getúlio Vargas, do Brasil, observa uma pequena seringueira na plantação Ford, na região do rio Tapajós. O seringal tem três milhões de árvores e já está iniciando a sua produção do importante elemento na guerra moderna



Este viveiro de seringueiras cultivadas no Perú, é apenas um dos muitos que pontilham a faixa equatorial das Américas, e destinados a suprir de sementes novas plantações que assegurarão grande produção de borracha no Hemisfério



# NO "FRONT" DOS ARTISTAS

**A**TORES, atrizes, músicos, atletas e milhares de outros cidadãos patriotas do país inteiro, reuniram-se com o fim de organizar todos aqueles que se dedicam profissionalmente às diversões, para desempenharem um papel de importância no esforço bélico — o de obter fundos para atender às necessidades decorrentes da guerra, cujos efeitos se fazem sentir nas famílias de soldados e marinheiros.

Centenas de atletas, músicos e artistas de toda sorte estão fazendo suas contribuições através do serviço ativo no exército e na marinha; outros milhares ainda ajudam uma nação seriamente preocupada, proporcionando-lhe momentos de distração, ajudando assim a manter o ânimo da população civil. Além disso, contribuem ainda gratuitamente com suas habilidades de artistas em inúmeros espetáculos de benefício, cuja renda é destinada a manter as associações beneficentes do exército e da marinha.

A Sociedade Benéfica da Marinha, conquanto só haja sido oficialmente estabelecida em 1905, tem suas tradições ligadas aos primeiros tempos da organização da própria marinha. Tem sido praxe nas forças navais, fazerem-se coletas entre os companheiros de qualquer marinheiro morto em ação ou perdido no mar, e entregar o seu produto à família e dependentes da vítima. Em 1820, oficiais de marinha organizaram uma sociedade para regularizar essa caridosa praxe, e em 1905, constituiu-se oficialmente a Sociedade Benéfica da Marinha.

O único fim da sociedade é proporcionar constante fonte de recursos para evitar sofrimentos entre as famílias dos marinheiros que deram sua vida pela pátria, ou se tornaram incapacitados no serviço.

Seguindo o lema "A marinha cuida dos seus", as atividades da Sociedade Benéfica da Marinha têm ido muito além da simples assistência financeira a dependentes de marinheiros mortos no cumprimento do dever. A hospitalização de dependentes, a educação e preparação de acordo com suas aptidões, de orfãos dos marinheiros, o transporte de esposas e famílias para lugares garantidos, distantes dos postos situados em zonas de guerra, empréstimos para fazer face a dificuldades financeiras nos lares de marinheiros a milhares de milhas de distância, tudo isto está compreendido nas funções da Sociedade, que tão bem corresponde aos intuídos de seus fundadores.



**Os artistas** mais popularmente conhecidos do mundo cinematográfico de Hollywood acham-se presentes no jardim da Casa Branca nesta recepção oferecida recentemente pela Sra. Roosevelt, em honra aos artistas que estão participando em numerosos espetáculos e festividades, cujo produto

das entradas é destinado às sociedades beneficentes, do exército e da marinha. Nesta gravura vêem-se Oliver Hardy, Joan Blondell, Charles Boyer, Gary Grant, Claudette Colbert, James Cagney, Joan Bennett, Pat O'Brien e muitos outros, todos interessados em prestar o concurso do seu talento



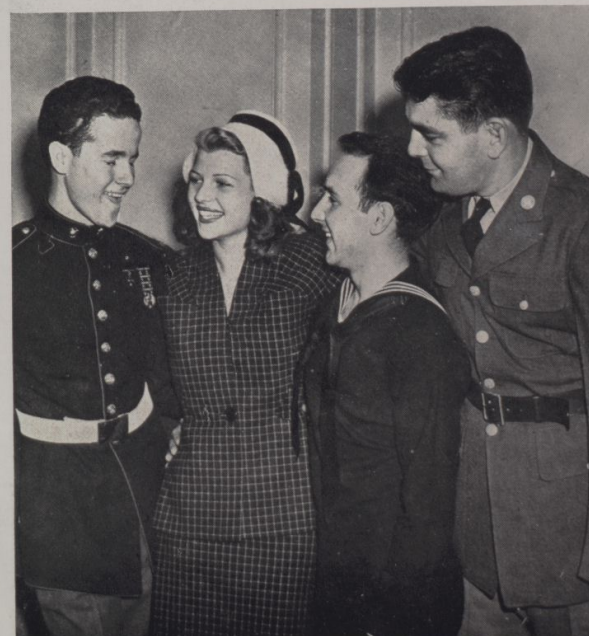
**A Cruz Vermelha** desfilando em Nova York, na grande parada militar que marcou o início da campanha promovida pela indústria cinematográfica, em benefício das sociedades de auxílios mútuos do exército e da marinha



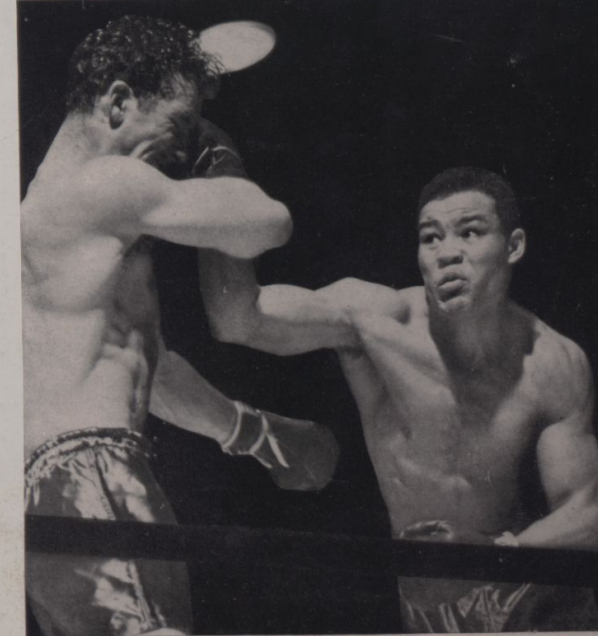
**Dois** dos principais equipes norte-americanas de baseball (de Brooklyn e de Nova York) num renhido jogo em benefício da Sociedade de Auxílios Mútuos da Marinha. Na gravura vê-se a união das bandeiras, antes de começar o jogo



**Paulette** Goddard animando um dos bailes de benefício. Ei-la aqui dançando com o cabo John Weindorff



**A vivaz** Rita Hayworth tem sido valioso elemento para manter o ânimo de soldados e marinheiros, com o contágio do seu sorriso. Aqui a vemos em sua visita a Nova York



**Joe Louis**, o famoso campeão mundial de box (à direita), e atualmente simples soldado raso, revela-se na sua prodigiosa técnica, num importante match



# O JAPÃO DOMINA À PONTA DE ESPADA

(O autor deste artigo passou muitos anos no Japão e noutras partes do Extremo-Oriente como jornalista, e adquiriu íntimo conhecimento dos intuídos japoneses, da sua política e dos seus métodos cruéis e traiçoeiros de subjugar os povos vizinhos.)

CONFORME já afirmou o Presidente Roosevelt num de seus discursos, a denominada "Nova Ordem" do Japão não é, em verdade, uma nova ordem; é uma ordem que data de há séculos, por isso que, conquistar tem sido o propósito do Japão desde os primórdios de sua história, cujas origens se firmam na lenda e na mitologia.

Ao seu primeiro imperador Jimmu Tenno (Tenno quer dizer imperador), que ascendeu ao trono no ano de 660 A.C., atribue-se uma proclamação cuja tradução literal se resume nisto: "Fundaremos o Império e nele abrangeremos tudo que jaz sob os céus." Esta proclamação tem sido citada repetida-

mente pelos chefes militares japoneses nêstes últimos anos, como que a indicar ao Japão a trajetória fatal do seu destino.

O Japão, de fato, encetou sua incursão guerreira em terras da Ásia na segunda parte do século dezesesseis quando, segundo a história japonesa, o grande guerreiro Hideyoshi tentou conquistar a Coréia e falhou, depois de sete anos de renhida luta. Hideyoshi planejava muito mais que isso, e antevia a conquista final da China, mas suas forças nunca chegaram a alcançar as fronteiras do Celeste Império.

As verdadeiras conquistas do Japão na Ásia, porém, só foram levadas a efeito depois que o país emergiu de uma longa era de isolamento feudal, no século dezenove. A guerra sino-japonesa, em 1895, foi o primeiro passo no programa de expansão e subjugação de outras nações orientais, programa que tem feito com que os soldados nipônicos se

espalhem sobre o mapa da Ásia, onde agora se encontram, desde as fronteiras ao norte da Manchúria com a Sibéria, até os territórios tropicais do sudeste do Pacífico. As conquistas do Japão têm-se realizado simultaneamente com a prática de uma política de desrespeito aos direitos de outras nações e outros nacionais. Os fatos durante os últimos dez anos são claros. O Japão desligou-se da Liga das Nações, denunciou o tratado de limitação naval de Washington, violou o Pacto Anti-Bélico Kellogg, o Pacto das Nove Potências, o Pacto das Quatro Potências do Pacífico e o Tratado de Portsmouth com a Rússia, o qual havia limitado o número de guardas que o Japão deveria manter na Manchúria. Esses tratados foram substituídos pelo Pacto Anti-Cominterne com a Alemanha e Itália, precursor do Pacto do Eixo, que estimulou o Japão a arremessar-se no ataque contra os Estados Unidos. Os planos de conquista do Japão são a um tempo

oportunistas e elásticos e estender-se-ão em qualquer direção de acordo com os recursos de que dispuserem os chefes militares para executá-los.

Que pretende fazer o Japão com essas conquistas e como poderá ser-lhe possível tirar proveitos delas? Estas são perguntas às quais nem mesmo os próprios japoneses poderiam dar respostas inteligíveis. O povo japonês tem sido informado de que a sua luta contra os chineses, desde o verão de 1937, é para fazer deles bons amigos, de modo que, juntos, possam os dois povos participar na tal "Nova Ordem". Tem sido também informado de que o povo chinês não é seu inimigo, mas que os japoneses estão combatendo apenas os tiranos da guerra, e que logo estejam estes exterminados, não há razão pela qual não possam os japoneses cooperarem com a China num esquema de desenvolvimento que seja proveitoso para ambas as nações. Mas nem mesmo os japoneses mais ingênuos acreditam nesta propa-

ganda, e bem sabem que o Japão está empenhado unicamente em conquista com o propósito de expandir os limites territoriais do império nipônico.

No verão de 1940, o ex-ministro do Exterior Hachiro Arita deu uma idéia do plano japonês de escravização dos povos conquistados da Ásia, quando delineou a concepção de Japão a respeito duma denominada "Doutrina de Monroe" para a Ásia. Esta consistia no propósito de estabelecer no Extremo-Oriente uma vasta esfera da tal "co-prosperidade" em que o Japão seria o dominador das raças asiáticas. Consoante a idéia japonesa, o mundo deveria ser dividido em três ou quatro esferas de influências, com uma nação suprema em cada uma delas. Ainda de acordo com esse esquema, a Alemanha seria a dominante na Europa; o Japão dominaria na Ásia, e os Estados Unidos nas Américas. Alguns japoneses, refletindo precavidamente, anteviam até uma quarta esfera — de dominação russa.

Milhões de chineses têm sido expulsos de suas residências pelas forças invasoras do exército japonês

Em Hankow podem verificar-se os efeitos da influência civiliza-

dora da "esfera de co-prosperidade" nipônica. Desde a invasão da China pelas hordas bárbaras de Ghengis Khan, que não tem essa nação enfrentado tanta brutalidade





## O JAPÃO DOMINA À PONTA DE ESPADA (Continuação)

Os Estados Unidos repudiaram semelhante filosofia por ser contrária a todos os princípios de direito internacional e em completo desacordo com a política de "Boa Vizinhança" em que se baseiam as relações entre as Repúblicas Americanas, relações firmadas na absoluta igualdade, justiça e respeito pelos direitos e soberania de cada nação.

Onde quer que os japoneses hajam conquistado e se estabelecido no continente asiático, têm eles enfrentado o profundo ódio das populações locais. O ódio dos chineses pelo Japão tem servido para unir a nação no propósito de expulsar até o último soldado japonês do solo da China. Para os chineses, isto poderá prolongar-se por dez ou vinte anos ou talvez mais; talvez que aos filhos e netos da presente geração caiba a terminação da tarefa, mas eles prosseguirão incessantemente em seu objetivo.

Nos últimos dez anos de suas conquistas no continente asiático, os japoneses têm-se revelado incapazes de desenvolver com êxito os recursos dos territórios conquistados, assim como não têm conseguido forçar os povos dominados a trabalhar para eles. Na Mandchúria e no norte da China, também têm falhado em seus intentos para submeter os chineses a trabalhos forçados, e a verdade é que os chineses têm até embarcação a ação dos invasores. Os nipônicos não são bons colonizadores e vêm-se isolados até mesmo nas localidades onde dispõem do controle militar.

A desculpa mais plausível do Japão para justificar suas conquistas e expansão imperial é a falta de "espaço vital", mas este é um argumento de pouco curso no Japão, por isso que a maioria dos japoneses não mostra o desejo de deixar sua pátria para ir viver nas terras conquistadas. Até agora ainda não foram eles colonizar os montes e vales arenosos da Coreia; têm-se recusado a enfrentar o frio da Mandchúria e as dificuldades resultantes da contínua resistência da população chinesa, que se manifesta por meio de constantes guerrilhas; têm ainda falhado na exploração dos recursos naturais do norte da China, pela mesma razão, e só contra a vontade têm eles ido colonizar, assim mesmo em número reduzido, as ilhas que compõem o mandato japonês nos mares do sul.

Arroz e peixe constituem a alimentação essencial necessária a toda família japonesa, e conquanto seja o arroz o produto principal da agricultura do

Japão e haja peixe em abundância nos mares que cercam as ilhas nipônicas, tem havido séria escassez de ambos. A deficiência das safras de arroz no Japão, nestes últimos dois anos, deve-se em parte essa escassez, mas o fato é que o país teve de quadruplicar a sua exportação de arroz a fim de alimentar não somente os seus exércitos espalhados no continente da Ásia, como também algumas das populações chinesas dominadas, e isto pela necessidade de manter boas relações com os governos-titulares de criação nipônica. Antes, os japoneses no Japão podia contar, em média, com três tijelas de arroz em cada uma de suas três refeições diárias, ao passo que agora o produto está sendo racionado.

A escassez do pescado pode atribuir-se a duas causas: a crise de pescadores, decorrente da necessidade de manter o Japão um exército de aproximadamente 3.000.000 de homens, e a falta de gasolina para os barcos de pesca. Quando o primeiro-ministro Hideki Tojo esteve num mercado de peixe, em Tóquio, no verão passado, a fim de verificar pessoalmente as causas da crise do pescado, os pescadores disseram-lhe que precisavam de gasolina para suas embarcações, ao que respondeu Tojo lembrando que eles deviam "levantar mais cedo e trabalhar mais."

Carne verde, manteiga, ovos, leite, batatas e pão também estão sendo quase impossíveis de se conseguir no Japão, há mais de um ano. Conquanto não sejam considerados gêneros de primeira necessidade, eles têm constituído elementos de crescente importância na alimentação da família japonesa.

O JAPÃO tem de se manter em rápida movimentação para conseguir as matérias primas de que precisa para alimentar a sua indústria de guerra na produção de material bélico. Este é o seu problema primordial. E agora que os japoneses já se apoderaram das Índias Orientais Holandesas, dispoem de suas grandes fontes de petróleo, borracha, estanho, chumbo e cobre, estão senhores de matérias primas em abundância, mas ainda carecem de minério de ferro para produzir o aço indispensável à substituição dos navios de guerra perdidos e à manutenção de suas importantes indústrias bélicas.

Mas o Japão tem de transportar essas matérias primas para as suas fábricas e mandá-las de volta, em forma de material bélico, para suas forças com-

batentes nos mais remotos setores do Pacífico-sul — a 3.000 milhas de distância. Esta circunstância destaca o ponto mais vital em toda a estratégia da guerra no Pacífico, por ser o Japão extremamente vulnerável a ataques aéreos, conforme já ficou demonstrado pelo bombardeamento de suas cidades por aviões dos Estados Unidos.

Honshu, o território principal do Japão propriamente dito é pouco menor do que o Paraguai e é cerca de metade da área do Chile, sendo que apenas 16 por cento de suas terras são aráveis. O restante, são terras áridas, solo rochoso de formação vulcânica. E' nesta parte diminuta, aproximadamente das dimensões do Estado da Califórnia, que estão concentradas as cidades e os centros industriais do Japão, na estreita faixa de terra que, de Osaka, sua principal cidade industrial, se distende ao longo do litoral do este até Kyushu, o extremo meridional da ilha, numa distância de 640 quilômetros — pouco menos de uma hora de voo. Aí, agrupados em acanhado conjunto acham-se os grandes centros fabris de Nagoya, Osaka e Kobe, todas três cidades já visitadas pelos bombardeiros dos Estados Unidos.

De há muito tempo que os líderes militares do império têm-se convencido deste constante perigo para as indústrias nacionais, e esforços foram feitos para localizar fábricas na ilha de Hokkaido, ao norte, e em Manchukuo; mas, no momento, tratava-se apenas de uma questão de expandir as indústrias existentes, onde quer que elas estivessem, a fim de fazer face a quaisquer necessidades. As indústrias bélicas nacionais têm crescido como cogumelos e muitos dos edifícios recentemente construídos e que se agrupam em redor das fábricas primitivas, são obras feitas com o material mais ordinário.

E', portanto, fácil de compreender o grande dano que os bombardeios aéreos podem infligir a indústrias vitais. Causarão danos verdadeiramente irreparáveis, pela razão de não existir no Japão, a exemplo do que se verifica na mór parte dos países europeus que têm sofrido ataques aéreos, a possibilidade de substituir máquinas destruídas. A maioria de suas máquinas, o Japão tem estado a importar, circunstância que se agrava com a falta de ferro e outros materiais de construção. Conquanto dispusessem os japoneses de consideráveis reservas de variados materiais essenciais de guerra, a verdade é que o seu consumo tem sido colossal.



O cadete Izurieta, do Equador, ouve atentamente os comentários do seu instrutor C. A. Miles, acérca do voo que acabam de efetuar. Aqui explica ele os princípios de uma virada inclinada. Em baixo: O jovem Torres, do Brasil (à esquerda), e seu instrutor, observam os movimentos de outro aeroplano que está voando nas imediações, antes de decolarem. Na instrução de voo observa-se o máximo cuidado para evitar qualquer colisão com aviões que se aproximam de outros, por ocasião do treinamento



Refugiados do bairro pobre de uma cidade chinesa, sentados sobre míseros móveis e utensílios domésticos salvos dos incêndios que destruíram seus lares

## INSTRUÇÃO PRIMÁRIA DE AVIAÇÃO

A ESCOLA de instrução primária de voo da Aviação Militar dos Estados Unidos, em Uvalde, no Texas, é uma das várias escolas do gênero localizadas em diversos pontos do país. Nelas se encontram os estudantes de aviação das outras Repúblicas Americanas fazendo o mesmo curso que os cadetes de aviação dos Estados Unidos. Nessas escolas primárias, o cadete completa o primeiro grande passo que o transforma de simples estudante em terra a piloto em voo solo, além de aprender a dirigir o seu avião com precisão em manobras fundamentais aéreas. Os cadetes completam sessenta horas de voo (28 horas de duplo controle e 32 de solo), nos centros primários, e mais de cem horas de instrução em terra, abrangendo aerodinâmica, motores, navegação aérea, meteorologia e matemática.

Os cadetes que completam satisfatoriamente as 10 semanas do curso primário, são transferidos para uma escola de treinamento básico, como a do Campo Randolph, no Texas, onde perfazem mais dez semanas de instrução de voo em aparelhos completos, com rádio e instrumentos, e de velocidade até de 255 quilômetros horários. Aí o cadete perfaz 70 horas de voo, exercitando-se em manobras mais complexas, voo em formação, voo noturno, com instrumentos, e ainda muitas horas mais em terra, estudando código de rádio, meteorologia e operação do aeroplano.

Ao curso de treinamento básico seguem-se dez semanas de intensa instrução superior, durante a qual o cadete perfaz 70 horas de voo tático em aviões de combate. E assim termina o curso de 30 semanas, que representam 200 horas de verdadeiro voo, período muito maior que o verificado no curso de aviação de qualquer outra nação do mundo, além de centenas de horas de intensa instrução em terra. Preparados perfeitamente para desempenharem sua missão, os cadetes de aviação dos Estados Unidos são então promovidos a segundos tenentes da Aviação Militar. Treinados com a mesma eficiência, os cadetes das outras Repúblicas Americanas voltam a seus respectivos países, habilitados a desempenhar parte importante no desenvolvimento da crescente rede de vias aéreas que estão ligando todas as Américas, ou nas forças armadas de suas respectivas pátrias.





# O SANGUE SALVANDO VIDAS



O cadete Roper, do Uruguai, aplica seus conhecimentos acerca de reparação de motor. A instrução de todo cadete de aviação inclui completos detalhes a respeito de reparo e conservação do avião, habilitando-o a enfrentar emergências



O cadete Garretón, do Chile (à direita) está enchendo o formulário correspondente a detalhes completos de todos os incidentes do voo feito por um piloto. O seu instrutor, G. H. Guy, verifica se todos os pormenores estão de acordo com a norma, mesmo para vãos primários



O cadete Etchenique, da Bolívia (sentado), desenvolve a sua prática em terra durante um período entre vôos. Enquanto maneja os comandos, seus instrutores, com modelos de avião, mostram-lhe as posições correspondentes às manobras necessárias



O cadete Escardo, do Peru, observa como se enchem os depósitos de gasolina do seu avião. Todos os detalhes de voo e conservação do avião em terra são acentuados como sendo de importância vital para os cadetes que estão agora fazendo o curso nos Estados Unidos



O cadete Blum, da República Argentina (à esquerda) dirigindo-se em companhia do seu instrutor, para o avião de treinamento, no qual está prestes a fazer o seu primeiro voo solo, que marca o termo do período primário de treino



O cadete Nuñez, do México, faz o sinal convenção indicando que "está tudo pronto a bordo", momentos antes de fazer a sua decolagem para realizar o seu primeiro e ansioso voo solo, no qual terá conservado todo o seu conhecimento adquirido

DE há muito que a ciência médica reconhecia que a tremenda quantidade de mortes ocorridas durante a guerra poderia ser reduzida apreciavelmente, se fosse possível fazer transfusões de sangue no exato momento crítico entre a vida e a morte.

O problema resumia-se na necessidade de classificar-se o sangue de acordo com o seu respectivo tipo, cada qual devendo estar sempre à mão para cada caso em particular. O processo, porém, absorvia muito tempo. Tornava-se frequentemente impossível obter-se, depois de uma batalha, sangue fresco em quantidade suficiente para uso imediato.

Um jovem médico tecnólogo americano, Dr. John Elliot, entretanto, em 1936, chegou à solução desejada. Pela força centrífuga, conseguiu ele separar a parte líquida do sangue, isto é, o soro ou plasma, de seus glóbulos vermelhos e brancos. Através de experiências, verificou que o plasma poderia ser usado em transfusões de uma pessoa para outra, sem necessidade de fazer-se a classificação do sangue, podendo até ser usado com êxito meses depois. O espírito pesquisador de um jovem havia feito, no laboratório, valiosa contribuição para a humanidade.

Em Julho de 1940, o Conselho Nacional de Pesquisas e a Cruz Vermelha Nacional encetaram estudos para a aplicação em grande escala do plasma assim obtido. Havia, porém, que enfrentar os mistérios da sua preparação, acondicionamento, armazenagem e transporte. Chegou-se à conclusão de que o plasma em forma seca solvia o problema da

facilidade de transporte. De sua forma líquida foi então obtido o plasma seco, através do congelamento e extração da umidade por meio de uma bomba de vácuo. Depois de encerrado hermeticamente, o plasma estava pronto para ser enviado a qualquer parte do mundo e ser usado a qualquer tempo. Dosando-o com água destilada, torna imediatamente à sua forma líquida, pronta para a transfusão.

A primeira aplicação do plasma em grande escala foi levada a efeito durante a campanha de "Sangue para a Inglaterra", iniciada em 1940. Milhares de americanos fizeram suas doações de meio litro de sangue para essa causa. E assim, milhares de parcelas de sangue iam sendo tratadas e enviadas através do Atlântico para salvar a vida de homens, mulheres e crianças britânicas. Desde então, a Inglaterra estabeleceu o seu próprio ser-



A bordo de um navio de guerra americano em águas do Oceano Pacífico, durante uma transfusão de plasma sanguíneo para mitigar os efeitos do choque num soldado ferido

viço de preparação do plasma. A Rússia também tem usado o plasma e aperfeiçoado o processo de preparação. Seu uso generalizado no Hemisfério Ocidental é uma possibilidade em futuro próximo, como meio de salvar a vida a vítimas de acidentes e àqueles que necessitarem de transfusões de sangue. A Cruz Vermelha pôs à disposição dos cientistas das outras Repúblicas Americanas todas as facilidades para os estudos e investigações necessárias.

Quando se verificaram as primeiras baixas entre as tropas dos Estados Unidos, nas várias frentes de batalha do mundo, a Cruz Vermelha deu início à coleta do valioso líquido para o seu "Banco de Sangue", a fim de suprir as necessidades do Exército e da

Marinha. As forças armadas solicitaram 930.000 unidades de plasma, um conjunto de 930.000 meios-litros de sangue oferecido. A Cruz Vermelha organizou ainda catorze centros para atender às doações de sangue em todo o país. Grande foi a afluência de doadores que prestimosamente ofereciam seu sangue, como contribuição para a guerra. O ofertante entre 21 a 50 anos de idade é o preferido. Antes de ser aceito o seu sangue, regista-se o histórico da sua saúde. E após a doação, o sangue é examinado novamente para determinar a presença de reações tóxicas. O sangue coletado é remetido a sete grandes laboratórios biológicos do país, que estão equipados para atender à preparação, em grande quantidade, do plasma em forma seca. No começo deste ano, as contribuições atingiram a um total de 82.857 unidades. A entrada do país na guerra veio aumentar muito as ofertas de sangue.



Esta senhora da sociedade de Nova York faz uma doação de seu sangue para as reservas de plasma da Cruz Vermelha. Tem sido aos milhares as doações de sangue



## OS INCONQUISTÁVEIS CONTINUAM LUTANDO

ESTA é a epopéia desses povos subjugados hoje, mas indomáveis sempre — a história da força invencível da liberdade.

“Em todos os países ocupados,” disse o Presidente Franklin Roosevelt em seu discurso de 28 de Abril, “há homens, mulheres e até crianças que não têm deixado de lutar e de resistir, provando aos nazistas que a sua denominada “Nova Ordem” não poderá nunca ser imposta a povos livres.”

Por sua ação, esses povos indomáveis, aceleram, por toda parte, a chegada do dia da vitória para as Nações Unidas — e somente pelos seus feitos é possível saber-se da existência de grande número desses patriotas. Porque, eles vivem uma existência de segredo e silêncio, para o ataque repentino nas caladas da noite.

De Berna, na Suíça, sabe-se do episódio de um jovem francês de 18 anos. Marcel Weinum, executado em Strasbourg por “atos de sabotagem e terrorismo.” Durante dezoito meses, esse rapaz tinha estado a bater-se pela liberdade. O libelo nazista contra ele reza, em parte:

“Com a ajuda de explosivos, granadas de mão e outras armas, o acusado cometeu numerosos atos de terrorismo; manifestou sentimentos anti-germânicos através de inscrições em paredes, da distribuição de panfletos e destruição de bandeiras suásticas; destruiu emblemas do partido nazista; quebrou mostruários contendo símbolos nazistas; inutilizou automóveis, cortou fios telefônicos, arrancou trilhos de estrada de ferro e danificou comutadores.”

Tudo isto é, com efeito, trabalho bastante para qualquer homem. A destruição de trens conduzindo tropas, a explosão de fábricas e depósitos de munição — assinalam quase todas as noites a resistência subterrânea que se alastra na França, Bélgica, Holanda e outros países ocupados.

Mais de dois milhões de poloneses, tchecos, franceses, belgas e holandeses têm sido escravizados pelos nazistas no trabalho dos campos — mas os escravizados têm alcançado tremendas vitórias, com sabotagens. Nas grandes fábricas tchecas de munições, em Pilzen, o retardamento dos trabalhos e a sabotagem têm causado interrupções tão grandes na produção, que os nazistas resolveram postar guardas de cinco em cinco máquinas, isto é, de cinco em cinco operários. E dos misteriosos “subterrâneos”, na Bélgica, sabe-se que os operários das fábricas de munições em Herstel, conseguiram terminar, antes de serem surpreendidos, um milhão e quinhentos mil cartuchos de guerra — sem conterem pólvora alguma.

Os mineiros belgas, com dinamite roubada das minas, destruíram mais de 100 trens em poucas semanas. Agricultores, nos Países Baixos, têm queimado armazéns inteiros de gêneros alimentícios requisitados pelos alemães. E numerosos têm sido os corpos de soldados alemães e de membros da polícia secreta nazista atirados aos canais da Holanda — corpos daqueles que cometeram o erro de serem encontrados sozinhos em lugares desertos.

Por toda a Europa ocupada pelos nazistas, a campanha de terrorismo e de sabotagem torna-se eloquente testemunho do bem elaborado caracter da sua organização. Porque sabotagem e terrorismo de tais magnitudes de certo não poderiam ser trabalho de indivíduos isolados, agindo por iniciativa própria, reagindo cegamente durante a noite. A história completa desse exército subterrâneo de povos conquistados terá de permanecer em silêncio até depois que chegar a vitória — e mal sabemos quantos líderes hão-de surgir, da mesma tempera de “Lawrence da Arábia”, da última guerra mundial.

Essa força oculta é conhecida como o Exército V — nome derivado da campanha do V-para-Vitória. E conquanto esteja a sua potência no segredo do seu sistema de comunicações, não há segredo algum, pelo menos quanto a um dos meios de contato com esse exército. Esse meio é ouvido pelo mundo inteiro — as ordens diárias para sabotagem

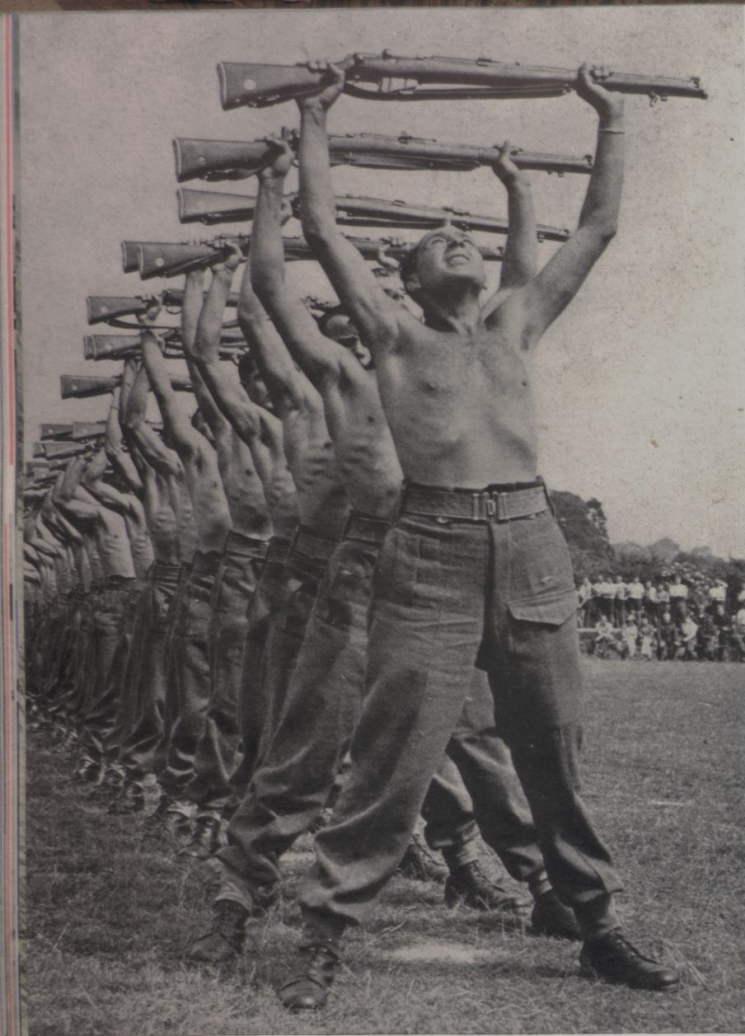


Nas densas florestas da Java, a guerra de emboscada intensifica-se. Soldados com resolução característica dos holandeses, não se conformam com a idéia de ser a ocupação nipônica coisa permanente. Em baixo: Centenas de chineses estão sendo especialmente treinados nos Estados Unidos a fim de servirem nas forças aéreas da China, cada vez mais numerosas



Tropas belgas exercitam-se na Inglaterra, preparando-se para a ocasião em que atravessarão o canal e retomarão sua pátria das mãos dos bárbaros invasores





**Jamais** derrotado em combate, o exército tchecoslováquio, no exílio, exercita-se intensamente, para tomar parte saliente na próxima invasão do continente, contra os nazistas



**Visitantes** noruegueses não são novidade ao longa da costa da Escócia. Desde a invasão germânica, que jovens patriotas têm fugido frequentemente para a Inglaterra, e estão dispostos a continuar a sua luta contra o nazismo. Estes noruegueses serão incorporados ao exército da Noruega e irão para o Canadá para receberem instrução militar



**Arriscando-se** a todos os perigos, estas jovens francesas fugiram depois da invasão, e estão servindo galhardamente no corpo auxiliar do exército francês livre em Londres



**O general** Draja Mihailovic — chefe das guerrilhas "Chetniks" iugoslavas, é um herói da incessante reação na Europa ocupada e o desespero do alto-comando nazista

e terrorismo irradiadas pelo misterioso coronel Britton e emitidas pela British Broadcasting Company.

O coronel Britton dá as suas ordens como si ele estivesse em comando no próprio campo da luta. Fala em inglês, e as traduções seguem-se imediatamente em dez idiomas. "Hitler precisa urgentemente de cobre; enterrem todas as moedas de cobre," dirá ele ao Exército V — e naquela noite, moedas de cobre são enterradas em toda a Europa ocupada. Ele organizou um boicote de todos os jornais controlados pelos alemães em Praga e outras cidades tchecas — e os cidadãos tchecos passaram logo a ler obras clássicas, ostensivamente, nos bondes e trens. Diariamente irradia ele suas ordens ao Exército V. Aos operários, ordena ele . . . "Façam os orifícios fóra do centro . . . deixem soltas porcas e parafusos . . . Não se apressem . . . Lembrem-se que cada dia de trabalho para Hitler prolonga a ansiada libertação." Aos povos conquistados em toda parte, ele irradia os nomes cuidadosamente verificados dos traidores, divulgando nomes e endereços, assim como seus atos de traição. E em geral, não se passam muitos dias sem que o cadaver de mais um traidor seja encontrado pela polícia alemã.

Mas o Exército V não limita suas operações apenas a sabotagem, terrorismo, boicotes e eliminação de traidores. O exército mostra-se também extremamente ativo no campo de operações militares — e

isto tem feito da expressão "guerra de emboscada" uma expressão de real perigo para os agressores do Eixo em toda parte.

Nas montanhas impenetráveis da Iugo-slávia, 60.000 sérvios, croatas e montenegrinos — comprovando sua histórica fama de serem dentre os mais ferozes guerreiros do mundo — há quase um ano que resistem. Este é o famoso Chetnik, bando guerrilheiro — soldados que se reorganizaram depois que a onda nazista assolou a Iugo-slávia, no verão passado; agricultores que tomaram de suas espingardas e fugiram para as montanhas, quando os alemães tentaram recrutá-los para combater contra os russos; patriotas de todos os pontos, que preferem morrer como guerrilheiros a viver como escravos.

Por trás das linhas alemãs, na Rússia ocupada, também têm estado ativos os bandos de guerrilheiros dos soviets. E com o fracasso das hordas nazistas, ocorrido durante o inverno russo e o degelo da primavera, os ataques das guerrilhas foram constantes. Tem-se uma idéia das baixas alemãs causadas por esses assaltos de emboscada, no comunicado soviético de 18 de Abril, no qual há a afirmação de que nos nove meses anteriores, as guerrilhas russas haviam morto 11.000 nazistas, só na província de Smolensk, isto é, apenas num dos setores. Noutras regiões, as guerrilhas continuam intensas. Uma força de 5.000 gregos entrincheirou-se

tenazmente nas montanhas da Macedônia. Quando os "comandos" britânicos assaltaram os estaleiros no porto de St. Nazaire, em poder dos alemães, na costa francesa, a eles reuniu-se na luta em terra, o bando de guerrilheiros conhecido como "Breton Patries". E quando os assaltantes regressaram à costa da Inglaterra, em seus barcos velozes, deixaram para as guerrilhas suas armas e munições.

Mas não são somente os alemães que estão sentindo a força da guerra de emboscada. Nas Filipinas, por exemplo, bandos de nativos, alguns equipados primitivamente, continuaram a embaraçar as linhas de abastecimentos japonesas e suas forças de desembarque, muito depois da rendição das tropas aliadas, das Filipinas e dos Estados Unidos, na península de Bataan.

Joaquim Elizalde, Comissário Filipino junto aos Estados Unidos, garantiu que essa resistência continuaria até o regresso do general MacArthur a Manila, à frente de um exército vitorioso de homens livres.

"Os filipinos nada têm em comum com os japoneses", declarou o Comissário Elizalde. "Não existe nenhuma afinidade de cultura, religião ou de idioma. Social e espiritualmente, o povo das Filipinas assemelha-se muito ao povo de qualquer nação sul-americana. Vivemos mais de 400 anos como colônia espanhola. Com este exclusivo passado ocidental, nosso povo jamais deixará levar-se pelas adu-



**Antes da invasão**, a Polónia tinha uma marinha de guerra eficiente e modernamente equipada. Muitas de suas unidades escaparam do mar Báltico a fim de prosseguir na luta contra a tirania nazista. Em cima: O general Sikorski dirige-se aos marinheiros a bordo de um destroyer em constante serviço ativo no estratégico mar do Norte





**Tropas** polonesas adidos às forças britânicas na Palestina assistem a uma missa no histórico local da Última Ceia do Senhor. O denodo dos soldados poloneses é inextinguível. As tropelias bárbaras do exército alemão têm transformado os poloneses em verdadeiros fanáticos, dispostos a todos os sacrifícios para reconquistar sua pátria da escravidão nazista

lações nipônicas, prova abjeta de seus métodos." Além do trabalho de sapa do Exército V e da heroica resistência dos bandos de guerrilheiros, há ainda a resistência que se manifesta abertamente contra a dominação dos régulos nazistas.

A mais impressionante, talvez, dessas resistências, foi a atitude dos bispos e sacerdotes da Igreja oficial da Noruega. No domingo de Páscoa, os sacerdotes preferiram apresentar a sua resignação coletiva à Igreja, a ter que recomhecer o títere Quisling, como seu chefe. Quisling mandou internar num campo de concentração o Primata da Igreja, Eiving Berggrav, bispo de Oslo e vários outros. Mas o clero manteve-se firme na sua atitude. E tal foi a repercussão da revolta em toda a Noruega que, Berlim, finalmente deu ordem a Quisling para cessar a sua vergonhosa perseguição ao clero.

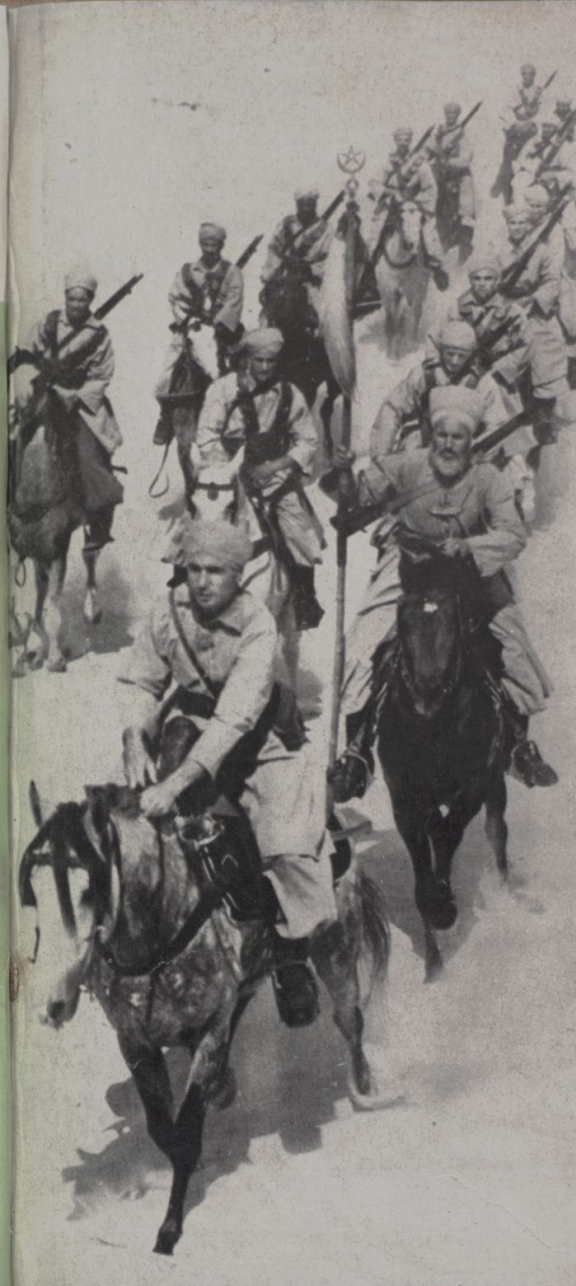
O paganismo nazista não quis mais arriscar-se com as revoltas daqueles que estavam dispostos a lutar pelo direito de adorar o Deus de seus pais. Os nazistas já haviam tido complicações bastantes na Polónia — onde a sua sistemática campanha de perseguição havia virtualmente exterminado os fiéis da Igreja Católica.

Em verdade, os nazistas ficaram apavorados com o seu próprio terror. A Europa ocupada, na primavera de 1942 havia se transformado em massa tremenda, fervilhante de franca agitação e reação, de sabotagem e guerra de emboscada. Que esse estado de exaltação, essa insurreição subterrânea havia também se espalhado pelos próprios arraiais nazistas, tornou-se patente na confissão de fraqueza de Adolf Hitler ao seu mudo conclave, o Reichstag. Morto estava o Hitler bombástico e fanfarrão

doutros tempos. Esse Hitler ficara enterrado em plena Rússia. O mundo via agora um Hitler tão preocupado até mesmo com a situação interna alemã, que chegou a exigir o direito pessoal sobre a vida e morte de todos os alemães.

E foi com estas palavras que o Presidente Roosevelt, dirigiu-se ao mundo, poucos dias depois do discurso de Hitler ao seu Reichstag:

"No próprio seio do povo alemão e italiano, há uma crescente convicção de ser irremediável a causa do nazismo e do fascismo — de que os seus chefes políticos e militares os têm dirigido pela via dolorosa que conduz não à conquista do mundo, mas à derrota final. Eles não podem deixar de fazer o contraste entre os violentos discursos atuais desses líderes com as suas próprias arrogâncias de um ou dois anos atrás." Todos os fatos corroboram isto.



**A destemida** cavalaria do exército francês livre na África tem sido permanente pavor para o exército italiano, ora incapacitado de qualquer avanço

Sim, nazistas e fascistas têm agora seus temores — temores resultantes de uma possível invasão e da agitação interna em seus próprios países e em toda a Europa ocupada.

E quando a invasão vier, nos exércitos das Nações Unidas serão encontrados os pais e irmãos daqueles compatriotas que têm prosseguido na luta, com imperecível vigilância, em suas respectivas pátrias. Porque, por todas as áreas das Nações Unidas — na Inglaterra e Escócia, no Canadá e nos Estados Unidos, nos desertos da Líbia e através do Oriente-Próximo — os exércitos dos Países Ocupados estão se preparando.

Na Inglaterra, os Franceses Livres, sob o comando de De Gaulle já estabeleceram uma Escola de St. Cyr no exílio, para o preparo de oficiais. E típicos de todos quantos têm fugido da França para lutar novamente pela sua liberdade, são os quatro jovens que enfrentaram numa canoa o canal da Mancha.

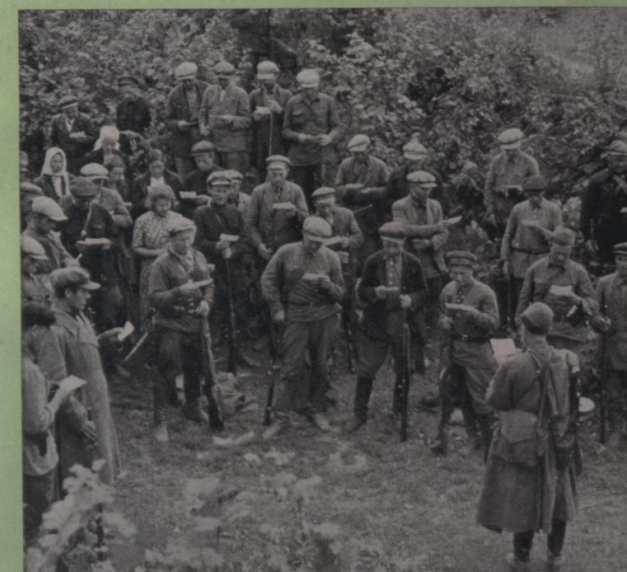
Forças norueguesas exercitam-se na Inglaterra e no Canadá, ao lado de tchecos e poloneses. Nos desertos do Estado de Arizona, jovens aviadores chineses aprendem a voar — dispostos a irem bombardear o Japão.



**O generalíssimo** Chiang Kai-shek, da República Chinesa, um dos poucos grandes líderes surgidos durante esta guerra. Aqui vêmo-lo inspecionando um carro blindado num setor de Burma



**Os heróicos** gregos içam a sua bandeira nacional durante uma parada em honra ao seu intrépido soberano, por ocasião de sua recente visita a uma das bases aliadas na Palestina



**Guerrilheiros** russos, como estes, são a explicação do prolongado retardamento da tão anunciada ofensiva da primavera que os alemães garantiram para a derrota completa da Rússia



# A FAMILHA E A GUERRA

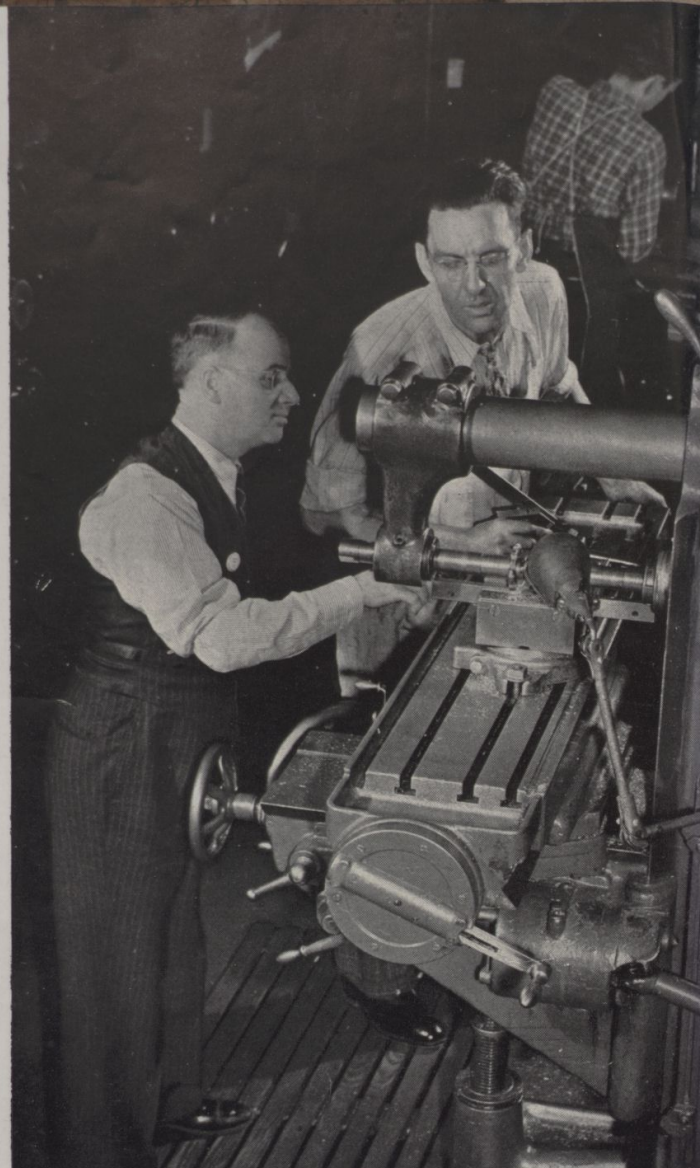
EVANSVILLE, no Estado de Indiana, com sua população de 111.034 habitantes, apenas a 120 quilômetros do centro nacional da população do país, e bem no centro-oeste dos Estados Unidos, é uma cidade industrial típica da grande república. Sua atmosfera está impregnada com o fumo e fuligem de suas mais de duzentas fábricas, onde trabalham 21.000 operários.

Antes da guerra, Evansville produzia chassis para automóveis, maquinismos agrícolas e mobiliário. O ano passado, com a transformação das indústrias de paz para os trabalhos de guerra, muitos dos operários de Evansville ficaram temporariamente desempregados. Mas, dois meses depois de entrarem os Estados Unidos na guerra, 38 fábricas da cidade estavam ativamente, produzindo material bélico.

Em Evansville moram os Winnebalds, família característica de milhões de outras famílias dos Estados Unidos. O choque da guerra veio alterar a norma de vida tranquila dos Winnebalds. Cada membro da família sente agora a significação do conflito no Pacífico e nos campos de batalha da Europa e da África. Seus efeitos refletem-se na sua alimentação, no seu vestuário, no trabalho e até mesmo no próprio repouso de todos. Mas, com sacrifício, coragem e confiança, a família Winnebald vai se devotando com entusiasmo às contingências do esforço de guerra.

A história dos Winnebalds em face da guerra, em sua essência, repete-se em quasi toda família norte-americana. O sacrifício que mais intensamente veio atingir o seu lar, foi a convocação do jovem Carl Winnebald para o exército. Carl conta 22 anos de idade e acabava de terminar o terceiro ano do seu curso superior, quando teve de se apresentar para o serviço militar. Tal como milhões de outros rapazes, foi ele lutar — e morrer, si fôr necessário — pela liberdade. Para aqueles que ficaram em casa, a vida tem sofrido alterações que estão a aumentar constantemente.

Enfrentando a escassez de gêneros e mercadorias civis e a elevação do custo de vida, os Winnebalds, assim como tantas outras famílias, procuram fazer suas compras cuidadosamente. E sempre que possível, procuram passar o período de suas férias com o jovem Carl. A maior parte de suas horas de lazer é agora absorvida por afazeres relativos à defesa civil. O pagamento de impostos e a aquisição de títulos de defesa, consomem economias que, de outra forma, estariam se acumulando no banco. Para fazer doces, massas e molhos, a Sra. Winnebald não usa mais ovos de primeira qualidade; guarda com cuidado sacos de papel usados; já verificou que os gêneros alimentícios enlatados são mais baratos e, em muitos casos, tão nutritivos quanto os gêneros de maior preço. A família Winnebald anda agora mais a pé, em vez de usar o automóvel. E em muitos aspectos, a família vive atualmente de maneira diversa da habitual, mas aceita e acha justas essas mudanças. O chefe da família, Carl Winnebald, está com seus 54 anos de idade e trabalha como chefe de turma numa fábrica de material bélico.



Carl Winnebald (à esquerda) é chefe de turma numa fábrica no centro-oeste, que anteriormente produzia refrigeradores elétricos. Agora, sua produção é exclusivamente de material bélico



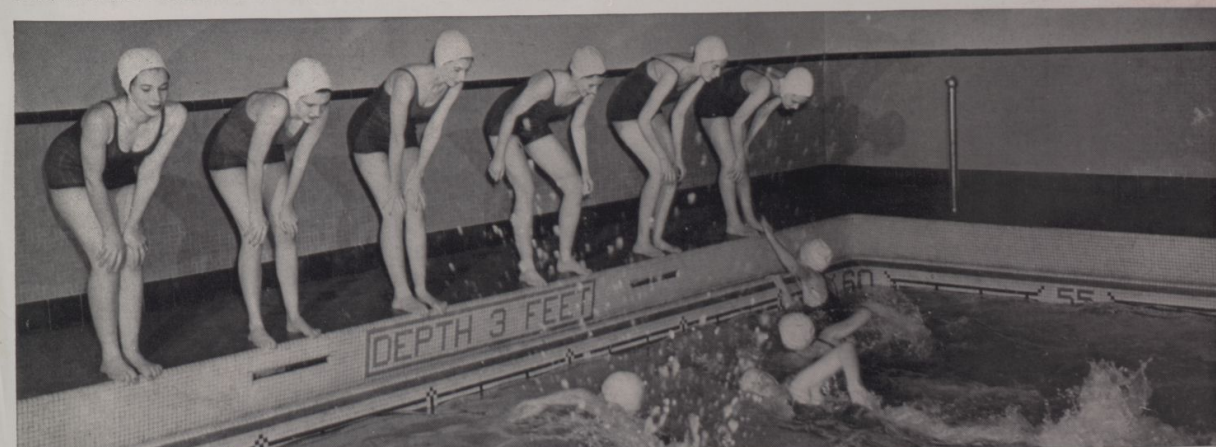
A guerra tem provocado a escassez de gêneros alimentícios enlatados. E talvez venham a ser racionados. Por isso, a Sra. Winnebald está tratando do seu próprio suprimento, usando, porém, recipientes de vidro, que se prestam para uso constante



O imposto de renda de Carl Winnebald foi cinco vezes maior do que o ano passado, mas ele não reclama. Espera pagar no ano próximo, o dobro do que já pagou, de conformidade com a nova e drástica majoração de todos os impostos de renda



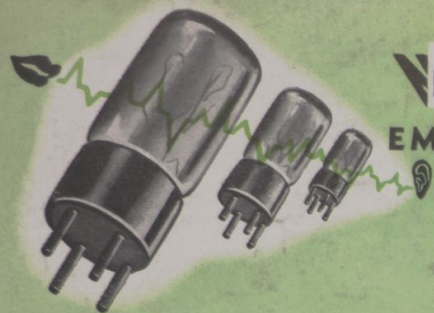
A família Winnebald alistou-se espontaneamente para serviços de defesa, com o Chefe de Quarteirão Dan Quierly, à esquerda. Da esquerda para a direita vêem-se: Mary Louise, de 14 anos; a Sra. Winnebald; Lois, de 17 anos e o Sr. Winnebald, chefe da família. Está faltando no grupo o jovem Carl, que se encontra servindo no exército



Tal como outras mocinhas de cidades pequenas, Lois Winnebald, de 17 anos de idade, é grande apreciadora dos esportes. Aqui a vemos (é a terceira da esquerda para a direita) numa aula de natação, na piscina do colégio em que está estudando.

Este estabelecimento de ensino foi um dos primeiros a adaptar o seu currículo às necessidades da guerra. Todas as alunas fazem três horas de exercícios físicos por semana, e que abrangem todos os esportes essencialmente indicados para a idade escolar





# NOTÍCIAS MUNDIAIS

## EM PORTUGUÊS POR ONDAS CURTAS

Irradiadas dos Estados Unidos da América por  
Antenas dirigidas às outras Repúblicas Americanas

(Estes programas estão sujeitos a mudanças devido à situação internacional)

Horários de todos os programas de ondas curtas, incluindo os de NOTÍCIAS acima referidos, serão enviados quinzenalmente a qualquer ouvinte que faça o pedido ao Coordinator of Inter-American Affairs, Commerce Building, Washington, D. C.

As estações de ondas curtas que transmitem os programas de NOTICIÁRIO abaixo mencionados muito apreciarão receber comentários ou sugestões dos senhores ouvintes de qualquer parte do mundo. Quando escreverem, queiram fazê-lo para os endereços seguintes:

WCBX ————— Columbia Broadcasting System, New York City  
WGEA—WGEO ————— General Electric Company, Schenectady, N. Y.  
WRCA—WNBI ————— National Broadcasting Company, New York City  
WBOS ————— Westinghouse Radio Stations, Inc., Boston, Mass.  
WRUS—WRUL—WRUW—World Wide Broadcasting Foundation, Boston, Mass.

### SINTONIZAÇÕES

Hora do Rio de Janeiro	Dias em que Cada Emissão de NOTÍCIAS é Feita em Português	Megaciclos	Metros	Estação
17:00	Diariamente	15,27	19,6	WCBX
18:30	Diariamente	15,33	19,6	WGEO
"	Diariamente	17,78	16,9	WNBI
"	Diariamente	11,87	25,3	WBOS
19:00	Diariamente, salvo os Domingos	9,67	31,0	WRCA
"	Diariamente, salvo os Domingos	11,89	25,2	WNBI
"	Diariamente, salvo os Domingos	11,87	25,3	WBOS
19:45	Diariamente	15,27	19,6	WCBX
20:00	Diariamente	9,55	31,4	WGEA
"	Diariamente	9,53	31,5	WGEO
"	Diariamente	9,67	31,0	WRCA
"	Diariamente	11,89	25,2	WNBI
20:15	Domingos e Sábados	9,55	31,4	WGEA
"	Domingos e Sábados	9,53	31,5	WGEO
20:30	Das Segundas às Sextas-Feiras	9,55	31,4	WGEA
"	Das Segundas às Sextas-Feiras	9,53	31,5	WGEO
21:00	Diariamente, salvo os Domingos	6,04	49,6	WRUS
"	Diariamente, salvo os Domingos	9,70	30,9	WRUL
"	Diariamente, salvo os Domingos	11,73	25,6	WRUW
21:45	Diariamente	15,27	19,6	WCBX
"	Diariamente, salvo os Domingos	6,04	49,6	WRUS
"	Diariamente, salvo os Domingos	9,70	30,9	WRUL
"	Diariamente, salvo os Domingos	11,73	25,6	WRUW
22:00	Diariamente	9,55	31,4	WGEA
"	Diariamente	9,53	31,5	WGEO
22:15	Diariamente	9,55	31,4	WGEA
"	Diariamente	9,53	31,5	WGEO
22:30	Sábados	9,55	31,4	WGEA
"	Sábados	9,53	31,5	WGEO

TENHA ÊSTE À MÃO PARA SINTONIZAR



Das oficinas de montagem desta enorme fábrica na Califórnia saem os bombardeiros quadrimotores que têm atacado terrivelmente os japoneses no Pacífico. Na galeria à esquerda, procede-se à montagem de várias peças que descem para completar estes aparelhos, símbolos do poder aéreo dos Estados Unidos